

ALINE GRODT

**UM ESTUDO SOBRE PRODUTIVIDADE DERIVACIONAL
NO PORTUGUÊS FALADO NO SUL DO BRASIL**

PORTO ALEGRE

2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA**

**UM ESTUDO SOBRE PRODUTIVIDADE DERIVACIONAL
NO PORTUGUÊS FALADO NO SUL DO BRASIL**

ALINE GRODT

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ CARLOS SCHWINDT

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2009

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt, pela oportunidade de crescimento, pela confiança e pela amizade.

À CAPES, pela concessão da bolsa durante os dois anos do curso.

Ao Chris, minha fortaleza, pelo amor, pela força nos momentos de fraqueza, e pela compreensão nos momentos de saudade. Sem o teu apoio eu não teria conseguido finalizar este projeto.

À minha família, por tudo.

A todos os meus amigos e irmãos acadêmicos, pelo carinho e apoio nas horas difíceis.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se discutir o fenômeno da derivação, na perspectiva de sua produtividade no português brasileiro, em especial, os processos de derivação prefixal, sufixal e parassintética. É nosso objetivo geral tentar descrever, na medida do alcance deste trabalho, a gramática subjacente dos falantes do português brasileiro, no que tange à produtividade derivacional. Nosso estudo norteia-se pelas seguintes questões: (i) quais as categorias de base que são preferencialmente selecionadas nos processos de derivação aqui estudados? (ii) quais as formas derivadas que são mais produtivas? É nossa intenção verificar também as seguintes hipóteses presentes na literatura: (i) a sufixação é mais produtiva do que a prefixação, uma vez que pode mudar a categoria lexical do produto em relação à base; e (ii) dentro da sufixação, o processo de nominalização (que transforma verbos em substantivos) é o mais produtivo. Como objetivos específicos, procuramos apresentar uma regra de formação de palavras para cada tipo de produto encontrado em nossos dados e confrontar os resultados com a literatura existente sobre o assunto. Os dados foram coletados de entrevistas da cidade de Porto Alegre pertencentes ao banco do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul). Os afixos escolhidos para nossa análise foram selecionados tendo como ponto de partida o trabalho de Sandmann (1989), que verificou produtividade de palavras novas em textos escritos da época. A análise do corpus se fez à luz da Morfologia Lexical (Aronoff, 1976; Basilio, 1980, entre outros). A Fonologia e Morfologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985) foi necessária também para descrever os casos de parassíntese. Foram encontradas 2.165 ocorrências dos afixos estudados, 285 de prefixos e 1.880 de sufixos. Em relação aos tipos de formação, a base preferencialmente selecionada foi a verbal, seguida pela substantiva e pela adjetiva. O produto que obteve o maior número de formações foi a categoria substantivo, seguida pelo adjetivo e, por fim, pelo verbo. A formação de substantivos a partir de verbos foi a mais produtiva, corroborando a hipótese presente na literatura de que a nominalização é o processo de formação de palavras mais recorrente.

ABSTRACT

This work aims to discuss the derivational phenomenon, anchored in its productivity in Brazilian Portuguese, specially, the prefixal, suffixal and parasynthetic processes. It is our objective trying to describe, in the limits of this project, the underlying grammar of Brazilian Portuguese speakers, in what concerns derivational productivity. Our study is guided by the following questions: (i) which are the preferably selected base categories in the derivational processes here studied? (ii) which are the most productive derivational products? We also intend to verify the following hypotheses present in the literature: (i) the suffixation is more productive than the prefixation, once it can change the product category in relation to the base category; and (ii) within suffixation, the nominalization process (which forms nouns from verbs) is the most productive process. As specific objectives, we seek to present a word formation rule (WFR) to every type of product we have found in our data and confront the results to the literature about the subject. The data were collected from VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul). The selected affixes were taken from Sandmann (1989) analysis, which verified productivity of neologisms in written language. The corpus was analyzed according to Lexical Morphology Theory (Aronoff, 1976; Basilio, 1980, within others). Lexical Phonology and Morphology (Kiparsky, 1982, 1985) was used to describe cases of parasynthesis. We found 2.165 occurrences of the affixes studied, 285 were prefixes and 1.880 were suffixes. In relation to the types of formation, the base preferentially selected was the verb, followed by the noun and, ultimately, by the adjective. The category of product that was mostly productive was the noun, formed from verbs, what reinforces the hypothesis present in the literature that the nominalization is the most productive word formation process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 REVISÃO TEÓRICA	12
1.1 Formação de palavras.....	12
1.2 Morfologia Lexical.....	19
1.2.1 Produtividade.....	25
1.2.2 Fonologia e Morfologia Lexical	35
1.4 Formação de palavras em português.....	42
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
2.1 O Banco de Dados VARSUL.....	49
2.2 Coleta e tratamento dos dados.....	51
3 RESULTADOS E ANÁLISE	55
3.1 Resultados gerais.....	55
3.2 Resultados por tipo de formação.....	58
3.2.1 Formações prefixais.....	58
3.2.2 Formações sufixais.....	60
3.2.2.1 Substantivo a partir de verbo.....	61
3.2.2.2 Adjetivo a partir de substantivo.....	63
3.2.2.3 Substantivo a partir de adjetivo.....	64
3.2.2.4 Substantivo a partir de substantivo.....	66
3.2.2.5 Verbo a partir de adjetivo.....	68
3.2.2.6 Adjetivo a partir de verbo.....	69
3.2.2.7 Verbo a partir de substantivo.....	70
3.2.2.8 Formações a partir de base presa.....	71

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
BIBLIOGRAFIA	75
ANEXOS.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recorrência geral dos afixos.....	55
Gráfico 2 - Escolaridade.....	56
Gráfico 3 - Escolaridade.....	57
Gráfico 4 - Ocorrências não repedidas de afixos.....	58
Gráfico 5 - Frequência geral dos prefixos.....	58
Gráfico 6 - Frequência geral dos sufixos.....	60
Gráfico 7 - Tipos de formação.....	61
Gráfico 8 - Formadores de substantivo a partir de verbo.....	62
Gráfico 9 - Formadores de adjetivo a partir de substantivo.....	63
Gráfico 10 - Formadores de substantivo a partir de adjetivo.....	65
Gráfico 11 - Formadores de substantivo a partir de substantivo.....	66
Gráfico 12 - Formadores de verbo a partir de adjetivo.....	68
Gráfico 13 - Formadores de adjetivo a partir de verbo.....	70
Gráfico 14 - Formadores de verbo a partir de substantivo.....	71
Gráfico 15 - Formações a partir de base presa.....	72

INTRODUÇÃO

Até o século XIX, a morfologia derivacional não teve lugar nos estudos clássicos de gramática. Os gregos desenvolveram o modelo de análise “Palavra e Paradigma” e encaravam as palavras como unidade mínima indivisível relacionada aos paradigmas flexionais. A gramática de Panini, no entanto, despertou a curiosidade dos estudiosos por morfologia derivacional porque analisava palavras em relação a sua estrutura interna. Daí vem a fonte para o modelo subsequente de análise do século XX, o estruturalista “Item e Arranjo”. Em seguida, a morfologia voltou a ser abandonada no início do desenvolvimento do modelo gerativista “Item e Processo”.

Durante o Estruturalismo, definiu-se o morfema como unidade mínima significativa da língua e, portanto, unidade básica da morfologia. Os estudos derivacionais se desenvolveram em termos de segmentação de palavras e classificação de morfemas. Essa abordagem enfrentou problemas ao se deparar com segmentos de palavras que se comportavam como morfemas do ponto de vista distribucional mas que não possuíam significado. Ou seja, a premissa básica da teoria, de que todos os morfemas possuem significado, ficou abalada.

O modelo standard da teoria gerativa transformacional encarava o léxico como uma lista de entradas lexicais, e os processos de formação de palavras eram explicados sintaticamente. Embora esta abordagem tenha superado o problema sofrido pelo estruturalismo quanto aos morfemas sem significado, não conseguia explicar processos derivacionais que não fossem gerais. Então, Chomsky (1970) rejeita a hipótese transformacionista e propõe que os processos de formação de palavras sejam processados no léxico, o qual, neste momento, deixa de ser uma simples lista não ordenada de entradas lexicais para se configurar como um lugar também de regras. Esta proposta ficou conhecida como “hipótese lexicalista”. Neste momento, o modelo “Item e Processo” foi adotado a fim de que a estrutura das palavras pudesse ser explicada por meio de regras de formação de palavras. A hipótese lexicalista deu origem a diversas abordagens, dentre as quais se encontra

a Morfologia Lexical, teoria utilizada neste trabalho a fim de descrever processos derivacionais do português.

No Brasil, a morfologia tem história recente. Segundo Basilio (1999), de meados da década de 60 até meados da década de 70, iniciou-se no País, principalmente sob influência do estruturalismo norte-americano, trabalhos de especial relevância, como os de Mattoso Câmara Jr. e estudos sobre línguas indígenas. Deste período em diante, tomaram lugar estudos ancorados na Teoria Gerativa, em especial, nos estudos lexicais, com a Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970) e sua repercussão imediata no estabelecimento de modelos de descrição lexical (Halle, 1973; Jackendoff, 1975 e Aronoff, 1976).

Basilio (2004) comenta a escassez de trabalhos na área:

Na tradição dos estudos gramaticais, por outro lado, a morfologia se concentra em estudos da flexão, como herança da gramática clássica. Também nas gramáticas normativas a formação de palavras não recebe o mesmo tratamento que a flexão, seja pela concepção do léxico como um conjunto não estruturado, seja pelo fato de que a normatividade sobre as palavras é normalmente atribuída aos dicionários. No entanto, o léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização linguística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical quanto do ponto de vista textual e estilístico. Os diferentes processos derivacionais de mudança e extensão de classe servem a funções predeterminadas, traduzidas em estruturas morfológicas lexicais.

Basilio (2004: 07).

O presente trabalho, de caráter eminentemente descritivo, propõe-se, pois, discutir o processo de derivação, que é um dos fenômenos responsáveis pela formação das palavras que compõem o “dicionário”¹ das línguas. Segundo gramáticas tradicionais, existem cinco tipos de derivação: a derivação prefixal, a sufixal, a parassintética, a regressiva e a imprópria. Com base no estudo de Sandmann (1989), nosso trabalho circunscreve-se às três primeiras, por se mostrarem mais produtivas em nossa língua.

O fato de um falante reconhecer a estrutura interna de palavras e saber, por exemplo, que a palavra *fingimento* “vem de” *fingir* e que a palavra *preparação* “vem de” *preparar* (Rocha, 1998: 40), nos mostra uma competência que faz parte do que conhecemos

¹ Entendido aqui como o “dicionário mental” de um falante.

por “gramática subjacente, internalizada”, pertencente aos usuários de uma língua. Essa gramática, neste caso específico, permite ao falante analisar uma palavra e, a partir dessa análise, criar novas palavras, e, a partir de regras que formam novas palavras, analisar palavras preexistentes.

É nosso objetivo geral tentar descrever, na medida do alcance deste trabalho, a gramática subjacente dos falantes do português brasileiro, no que tange à produtividade derivacional. Nosso trabalho norteia-se pelas seguintes questões: (i) quais são as categorias de base preferencialmente selecionadas nos processos de derivação aqui estudados? (ii) quais são as formas derivadas mais produtivas? Pretendemos verificar também as seguintes hipóteses presentes na literatura: (i) a sufixação é mais produtiva do que a prefixação, uma vez que pode mudar a categoria lexical do produto em relação à base; e (ii) dentro da sufixação, o processo de nominalização (que transforma verbos em substantivos) é o mais produtivo. Como objetivos específicos, procuramos formular uma regra de formação de palavras para cada tipo de formação de palavra encontrado em nossos dados e confrontar os resultados com a literatura existente sobre o assunto.

O presente trabalho apresenta a seguinte organização, subsequente à introdução:

No Capítulo 2, buscam-se caracterizar os processos de formação de palavras mais comuns nas línguas, de acordo com Chomsky (1970), Anderson (1982), Spencer (1991), Katamba (1993), entre outros; são descritas as teorias utilizadas para análise dos dados, a saber, Morfologia Lexical (Jackendoff, 1972; Aronoff, 1976; Basilio, 1980; Villalva, 1994; e Rocha, 1998) e Fonologia e Morfologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985); e, por fim, é trazida uma descrição do processo de formação de palavras em português, de acordo com Sandman (1989), Rocha (1998) e Basilio (2004).

No Capítulo 3, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e o tratamento dos dados obtidos através de um levantamento de recorrências de formas prefixadas e sufixadas nos dados do Projeto VARSUL. Os afixos levantados foram escolhidos de acordo com os resultados de Sandman (1989).

No Capítulo 4, são apresentados os resultados obtidos na coleta dos dados, bem como sua análise à luz das teorias descritas no Capítulo 2.

No Capítulo 5, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo, temos por objetivo apresentar os pressupostos teóricos que servirão de orientação para o desenvolvimento do presente trabalho. Primeiramente, buscamos discutir o caráter geral dos principais processos de formação de palavras, de acordo com Chomsky (1970), Anderson (1982), Spencer (1991), Katamba (1993), entre outros. Em seguida, discutimos os princípios norteadores da Morfologia Lexical, baseados essencialmente em Jackendoff (1972), Aronoff (1976), Basilio (1980), Villalva (1994) e Rocha (1998), com ênfase no conceito de produtividade desenvolvido por Aronoff (1976), e da Fonologia e Morfologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985). Por fim, temos o objetivo de descrever os principais processos de formação de palavras no português, tratados essencialmente por Sandman (2009), Rocha (1998) e Basilio (2004).

1.1 Formação de palavras

Chomsky (1970) inicia sua discussão a partir da seguinte afirmação: “uma pessoa que tenha aprendido uma língua adquiriu um sistema de regras que relaciona som e significado de uma maneira específica” (Chomsky, 1970, p. 184). O objetivo de uma teoria linguística, a partir dessa idéia, é buscar caracterizar o que um falante sabe quando sabe uma língua e construir gramáticas de línguas específicas, as quais possam caracterizar de maneira precisa a competência de um falante que tenha adquirido uma língua. No entanto, o conhecimento que de fato interessa é o conhecimento implícito, inconsciente.

Uma gramática, segundo a visão de Chomsky, consiste em um componente categorial livre de contexto e um léxico (o qual é composto por entradas lexicais). Uma teoria, quando enriquece um componente da gramática, permite a simplificação das outras partes, ou seja, ao enriquecermos o léxico, é possível simplificarmos o componente categorial, e vice-versa. Contudo, como saber qual das abordagens é a mais correta? Segundo Chomsky (1970),

a melhor saída é buscar confirmações nas línguas naturais. A abordagem teórica utilizada no presente trabalho, discutida na seção 1.2, busca uma simplificação do componente transformacional em busca de um léxico especializado. No entanto, o léxico não é mais encarado como uma simples lista de entradas lexicais, o que exigiria muita memória por parte do falante, mas um componente formado também por regras. Dessa forma, diminui-se a lista e aumentam-se as regras, de forma a apresentar uma análise mais simples dos processos de formação de palavras das línguas e uma explicação que condiga com os dados empíricos.

Um falante nativo, embora possa apresentar dificuldades por considerar parâmetros de certo e errado, é capaz de fazer a segmentação de uma palavra de sua língua. Ele pode inclusive não saber o significado completo da palavra, mas conhece o significado das partes (um falante de português, ao se defrontar com uma pseudo-palavra como “antidultagem”, embora não saiba o significado da raiz, sabe que se trata de algo relacionado a oposição ou contrariedade ao ato de “dulitar”), ou mesmo reconhece se determinada palavra pode ou não fazer parte do vocabulário de sua língua. Esse conhecimento estrutural das palavras pertence à Morfologia.

Essas “partes” que constituem uma palavra são chamadas de “morfemas”. Sua definição foi proposta pelo estruturalismo como “unidade mínima significativa”, responsável pelo significado e/ou pela função gramatical de uma palavra e formado pela união arbitrária de som e significado. No entanto, análises mostram que nem sempre é possível encontrar um significado para o morfema, embora seja clara sua existência na palavra. Um exemplo clássico é o caso das formações em *-berry* (‘fruto silvestre’) do inglês.

(1)²

- | | | | |
|-----|-------------------------------|-----|--------------------------------|
| (a) | cranberry (‘uva-do-monte’) | (b) | strawberry (‘morango’) |
| | boysenberry (‘tipo de amora’) | | blueberry (‘mirtilo’) |
| | huckleberry (‘mirtilo’) | | blackberry (‘amora silvestre’) |
| | | | gooseberry (‘groselha’) |

Nas formações em (a), os itens *cran-*, *boysen-* e *huckle-* não ocorrem independentemente ou em nenhuma outra formação do inglês, embora o item *-berry* seja recorrente. No caso das formações em (b), os itens *straw* (‘palha’), *blue* (‘azul’), *black*

² Exemplos retirados de Aronoff (1976: 10). Traduções dos termos baseadas em Rosa (2000: 68) e no Dicionário Oxford Escolar.

(‘preto’) e *goose* (‘ganso’) ocorrem isoladamente na língua; no entanto, seu significado não pode ser relacionado com o significado obtido nas formações em (b), ou seja, uma *blackberry* não é necessariamente “preta”. O significado da formação é dado pelo todo, não por suas partes. Segundo Aronoff (1976), a partir dessas situações, é necessário postular que haja morfemas sem significados, e que a ideia de “unidade mínima significativa” deva girar em torno da palavra. Ou seja, o autor não abandona a ideia de morfema, mas aceita que nem sempre ele poderá ser tratado como um “signo”³. O que é essencial, portanto, não é seu significado, mas se somos capazes de reconhecê-lo. Um morfema é uma cadeia de sons que pode ser conectada a uma outra entidade linguística fora dessa cadeia. O que importa não é seu significado, mas sua relação em um sistema de oposições (Aronoff, 1976: 15).

O Gerativismo, por sua vez, considera que o morfema não é um elemento concreto, como encarado pelo Estruturalismo, caracterizado por ser menor do que uma palavra e se unir a outros elementos para formar novas palavras, mas uma entidade abstrata, inserida num sistema de relações e contrastes. Por exemplo, em “casa”+*-s*, o morfema *-s* representa a realização concreta de uma entidade abstrata conhecida por PLURAL.

Há vários tipos de morfemas. Os que são conhecidos por “morfemas livres” (Spencer, 1991) caracterizam-se pelo fato de formarem uma palavra sem a necessidade da adição de mais morfemas, ou seja, sozinhos, constituem uma palavra. No português, exemplos de morfemas livres são palavras como “flor”, “mar”, “homem”, caracterizadas como palavras monomorfêmicas em virtude de terem uma consoante como elemento final, o que, neste caso, elimina a necessidade de uma vogal temática.⁴ Bloomfield (1933) e Câmara Jr. (1970) chamam esses elementos de “formas livres”, os quais podem ocorrer em um enunciado com significado completo.

Os “morfemas presos” são aqueles que existem somente se unidos a outros morfemas, como a desinência de gênero *-a*, em uma palavra como “menina”. Bloomfield (1933) e Câmara Jr. (1970) chamam esses elementos de “formas presas”, que somente funcionam se ligadas a outras. Palavras polimorfêmicas geralmente são compostas por um morfema central, responsável pelo significado básico, e outros morfemas periféricos,

³ Signo saussuriano, formado por significante e significado.

⁴ Essas unidades, chamadas de “morfemas livres”, também podem ser consideradas “bases presas” no momento em que servem de base para qualquer processo de derivação (como *flor-* > *flor-es* = flores). Em uma perspectiva distribucionista, tais formas somente podem ser consideradas presas, uma vez que, em sua análise, considera-se, para o singular de “flor”, a escansão *flor-* (radical) + \emptyset (Vogal Temática) + \emptyset (Sufixo de Gênero) + \emptyset (Sufixo de Número), ou seja, um radical e três alomorfes zero para indicar a ausência de marcação dessas categorias.

responsáveis por modificar o significado central. Essa modificação pode ocorrer de várias formas. No português, por exemplo, “mortal” é uma característica de quem é suscetível à morte, enquanto “imortal” (*in-*+mortal) é uma propriedade de quem não está suscetível à morte (neste caso, o significado final resultante da união da partícula *in-* à palavra “mortal” é totalmente oposto ao da palavra original). Neste exemplo, “morte” é o morfema central, o qual contém o significado básico da palavra, enquanto *in-* e *-al* são morfemas presos, conhecidos por prefixo e sufixo, respectivamente⁵.

Morfemas são duplamente articulados, pois, de um lado, possuem uma realização física sonora (fonética e fonologia), e, de outro, um significado ou uma função dentro do sistema gramatical. As possíveis realizações físicas de um morfema chamam-se “morfes” (*casa*+ *-s*, em que o *-s* é a realização física do morfema de plural), e as diferentes realizações de um mesmo morfema chamam-se “alomorfes”⁶, como em “*casa[s]*” versus “*casa[z]*amarelas”. Alomorfias como a exemplificada são condicionadas unicamente pela fonologia; portanto, embora envolvam morfemas (uma vez que, no estruturalismo, por exemplo, toda unidade fonológica corresponde a uma unidade morfológica), não são consideradas pelos estudos de morfologia.

Uma alomorfia condicionada morfológicamente pode ser encontrada em casos como “comer” > “comia” / “comprar” > “comprava”, em que os morfemas *-(i)a* e *-va* são alomorfes do morfema de pretérito perfeito do indicativo. Outro tipo de alomorfia é encontrado em “compatível” > “compatibilidade”, em que o sufixo *-vel* tem sua forma alterada para *-bil* quando há a presença do sufixo *-(i)dade*. Há ainda situações em que as formas alomórficas são fonologicamente diferentes, como o caso do verbo “ser” (“sou”, “fui”, “era”...). Este fenômeno é chamado de supleção.

No que se refere aos tipos de operação morfológica, a flexão e a derivação são os representantes mais importantes. Na primeira, diferentes formas representam apenas uma mesma palavra, como o caso do verbo “cantar”, que possui várias formas (eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam, para o presente do indicativo). A

⁵ Em uma perspectiva Estruturalista, a derivação em questão seria apresentada da seguinte forma: *in-* (forma presa) + *mort-* (forma presa) + *-al* (forma presa).

⁶ De acordo com o Dicionário de Linguagem e Linguística de Trask (2004), idealmente, um mesmo morfema deveria ter sempre uma única forma constante e um único significado ou função constantes, mas, na prática, os morfemas variam em sua forma, dependendo de sua localização. Por exemplo, o morfema “saúde” tem uma forma quando aparece nas palavras “saúde” e “saudável”, e tem outra forma quando aparece nas palavras “salutar” e “insalubre”. Analogamente, o prefixo negativo *in-* apresenta formas diferentes nas palavras “insincero”, “impossível” e “ilegal”. Chamamos essas formas variantes alomorfes do morfema. Trask, p. 199.

modificação ocorrida na base não altera sua categoria gramatical e é fruto da concordância, que é obrigatória. A derivação, diferentemente da flexão, cria novas palavras, com a possibilidade de mudança categorial do produto em relação à base, como é possível verificar em formações como “centro” (nome), “central” (adjetivo), “centralizar” (verbo), “centralização” (nome). No entanto, essa mudança não é obrigatória, como podemos ver nas palavras “centralização” e “descentralização”, em que o acréscimo do prefixo *des-* não alterou a categoria gramatical da base “centralização”. Ao contrário da flexão, a derivação não é obrigatória, mas opcional, visto que nem todos os verbos do português possuem correspondentes nominais; quando possuem, as derivações vêm de processos variados, como *falar_V > fala_N*, *consolar_V > consolo_N*, *julgar_V > julgamento_N* (Câmara Jr., 1970: 81).

O falante também pode escolher entre usar a forma “ferozmente” ou a expressão “de forma feroz”. Este último caso é discutível em português em virtude de problemas na análise morfológica da derivação de advérbios. De acordo com Basilio (1998, 2004), ao contrário do que acontece com outras classes de palavras, advérbios só podem ser formados a partir de adjetivos e, depois de formados, não podem servir de base para outras derivações. Ainda, do ponto de vista fonológico, a base da formação em *-mente* não tem seu acento primário alterado (*'péssima > 'péssima'*mente), e as vogais médias-baixas, mesmo em posição pretônica, não sofrem neutralização (*p[E]*ssimamente, e não **p[e]*ssimamente). Do ponto de vista sintático, nos casos de coordenação, *-mente* ocorre apenas na última formação (“vagarosa e pertinazmente”), o que nos mostra que *-mente* não possui a fixidez que caracteriza os sufixos como formas presas (Basilio, 2004: 62). Estes são alguns fatores que nos fazem encarar formações em *-mente* como composicionais, e não derivacionais.

O grau em português (que expressa a intensidade de uma qualidade ou a dimensão de um objeto) é considerado pela Nomenclatura Gramática Brasileira como flexão, especialmente por influência da gramática clássica, que o descreve como uma categoria gramatical, uma vez que expressa significado acidental (Basilio, 2004:67). Atualmente, no entanto, não há consenso sobre sua classificação, uma vez que também apresenta características de derivação, pois não se relaciona a mecanismos gramaticais. Câmara Jr. (1970: 82-84) descreve o grau como um processo derivacional, pois não há obrigatoriedade em seu emprego, que inclusive, é uma questão de estilo ou preferência pessoal. Seu uso é esporádico e ainda, segundo o autor, certa frequência em seu uso parece “abuso e excentricidade”. Sua inclusão no sistema flexional do português se deu pela transposição de um aspecto da gramática latina para a nossa língua. No entanto, seu comportamento escalar,

não recorrente na derivação, coloca-o no rol da flexão. Ou seja, este é um processo com características tanto flexionais quanto derivacionais.

Outra operação morfológica presente em um grande número de línguas é a composição, caracterizada pela união de duas raízes para a formação de uma palavra morfológicamente complexa. Em português, temos os seguintes casos de composição (Bechara, 2001):

(2)

i)	S + S ⁷	a) Coordenação: (quando há sequência de coordenação de elemento: 1 – o determinante precede) ‘papel-moeda’; e (2 – o determinante vem depois) ‘peixe-espada’. b) Subordinação: (quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado) ‘arco-íris’, ‘pão de ló’.
ii)	S + A ou A + S	‘obra-prima’ ‘belas-artes’
iii)	A + A	‘surdo-mudo’
iv)	P + S	‘Nosso Senhor’
v)	N + S	‘segunda-feira’
vi)	ADV + S, A ou V	‘malcriação’, ‘sempre-viva’, ‘bem-querer’
vii)	V + S	‘lança-perfume’
viii)	V + V	‘vaivém’
ix)	V + ADV	‘ganha-pouco’
x)	Grupo de palavras ou oração inteira	(podem passar ao nível da palavra) ‘Deus-nos-acuda’, ‘disse-me-disse’.

Os fenômenos apresentados até então fazem parte de uma categoria chamada de morfologia concatenativa, que apresenta determinado ordenamento na disposição dos elementos formadores de palavras. Contudo, também há processos que se manifestam de

⁷ S = substantivo; A = adjetivo; P = pronome; ADV = advérbio; V = verbo; e N = numeral.

forma não concatenativa, como a infixação e a circunfixação. No primeiro caso, o infixado é anexado dentro de outro morfema, e não em suas bordas. Um exemplo de língua infixal é o Árabe. A raiz de suas palavras é constituída por consoantes (“ktb”, raiz de “escrever”), e a derivação se dá pela inserção de material vocálico entre essas consoantes, responsável pela flexão e pela formação de novas palavras (kataba, ‘ele escreveu’; katib, ‘escrevendo’; kaataba, ‘ele se correspondeu; kutiba, ‘ele tem escrito’; kitab, ‘livro’; maktab, ‘lugar para escrever’). O segundo caso caracteriza-se pela anexação simultânea de um afixo na borda direita e na borda esquerda de uma base, ambos representando o mesmo significado ou a mesma categoria sintática, neste caso, os dois elementos são considerados o mesmo afixo, como em tarde > en- + tarde + -ecer, em que o afixo seria “em-, -ecer”. Uma outra abordagem define este tipo de afixação como parassíntese, e toma como princípio a ideia de que não se trata de um único afixo, mas dois afixos anexados de forma simultânea a uma base. Em português, palavras como “enterrar” são formadas pela anexação do prefixo *en-* e o sufixo *-ar* ao mesmo tempo, uma vez que não existem as formações “*enterra” (nome) e “*terror” (verbo).

Um outro processo não concatenativo de formação de palavras conhecido é a reduplicação (nem sempre considerada afixação pela literatura, especialmente quando a parte copiada não é idêntica à base), caracterizado pela repetição de parte da base, para a direita, para a esquerda, ou até mesmo dentro da base, com a finalidade de mudança de sentido ou função sintática. No quadro abaixo, são apresentados alguns exemplos de línguas com formações reduplicativas.

(3) Maori (Nova Zelândia)

mano	‘mil’	manomano	‘inumerável’
reo	‘voz’	reoreo	‘confersa’
patu	‘matar’	patupatu	‘matar todos’
mate	‘doente’ (subst.)	matemate	‘doente’ (adject.)

(4) Língua austronésia falada em Samoa

manao	‘quer’	mananao	‘querem’
matua	‘é velho’	matutua	‘são velhos’
malosi	‘é forte’	malolosi	‘são fortes’
alofa	‘ama’	alolofa	‘amam’

(5) Agta (Filipinas)

takki	‘perna’	taktakki	‘pernas’
uffu	‘coxa’	ufuffu	‘coxas’

Há, ainda, uma morfologia representada por alternância fonológica, como é o caso do ablaut, no inglês, em que a alteração vocálica indica mudança de função sintática, como pode ser visto no exemplo a seguir (Katamba, 1993).

(6)

<u>Presente Simples</u>		<u>Passado</u>	<u>Particípio Passado</u>
sing	‘cantar’	sang	sung
sink	‘afundar’	sank	sunk

Diferentemente de todos os processos abordados até então, a cliticização consiste na anexação de um elemento considerado um tipo de morfema preso (por não existir isoladamente) a uma palavra hospedeira. Clíticos são considerados morfemas dependentes, pois não são presos como os afixos, mas também não existem isoladamente como os morfemas livres. Na frase “a casa da praia”, as partículas “a” e “da” são formas dependentes, que se anexam às palavras adjacentes (Câmara Jr., 1970: 70).

Finda aqui nossa apresentação dos processos de formação de palavra que foram considerados mais relevantes para os propósitos do presente trabalho. A seguir, passemos à exposição das teorias que subjazem à nossa análise.

1.2 Morfologia Lexical

Advinda da Teoria Gerativa, que procura explicar a “faculdade da linguagem”, a Morfologia Lexical busca tratar processos morfológicos como pertencentes a um componente autônomo da gramática, e não mais como parte da sintaxe e da fonologia. Esta teoria surgiu a partir da Hipótese Lexicalista de Chomsky (1970), que assume que a morfologia, responsável pela estrutura interna das palavras, seja processada no léxico, entendido até o momento como um repositório de idiossincrasias.

Chomsky (1970) buscou, através da proposta lexicalista, desafogar o componente transformacional, uma vez que, em determinadas situações, a abordagem

transformacional era impossível de ser sustentada, principalmente em virtude da falta de evidências empíricas. Por exemplo, não havia uma maneira de expressar, através de transformações, que os contextos em que o verbo *refuse* (do inglês ‘recusar’) e o nome *refusal* (do inglês ‘recusa’) eram intimamente relacionados. No entanto, quando o léxico é encarado como um componente separado do componente categorial e suas entradas lexicais são analisadas em termos de traços contextuais, tal dificuldade desaparece. As diferenças entre os itens lexicais estariam relacionadas aos traços seletivos e de subcategorização de cada item. Isso explicaria, por exemplo, por que alguns verbos admitem nominalização enquanto outros não.

A partir de Chomsky (1970), duas versões para a Hipótese Lexicalista foram desenvolvidas. A Hipótese Lexicalista forte (Jackendoff, 1972) exclui todos os fenômenos morfológicos da sintaxe, ou seja, flexão e derivação devem ser tratados unicamente pela morfologia. A Hipótese Lexicalista fraca (adotada por Aronoff, 1976, e em linha com o texto de Chomsky, 1970) considera que apenas a derivação deva ser tratada na morfologia, enquanto a flexão é fruto da sintaxe. A última versão, no entanto, não considera, ao contrário de Chomsky (1970), que apenas as irregularidades pertençam à morfologia, mas assume que qualquer fenômeno derivacional é fruto da morfologia, independentemente de sua regularidade.

Antes de falar sobre o léxico, é interessante abordarmos a noção de competência lexical, proposta por Basilio (1980). A competência lexical do falante (o conhecimento que o falante nativo tem de sua língua) é a capacidade que este tem de formar palavras novas a partir de estruturas pré-existentes na língua e analisar a estrutura interna de palavras já existentes. Dessa forma, o falante conhece a lista de itens lexicais⁸ de sua língua, a relação entre esses itens, as regras que operam nessa lista, bem como as restrições de aplicação dessas regras. Essa lista de entradas lexicais não está organizada de forma aleatória, pois é possível notar, por exemplo, a relação existente entre verbos e nomes terminados em *-ção* em português. Quanto às restrições de aplicação das regras, os falantes não formariam, por exemplo, ‘*divulgamento’ porque já existe na língua a forma ‘divulgação’, que já exerce a função que ‘*divulgamento’ exerceria. Esta restrição, aprofundada a seguir, é conhecida como o fenômeno de bloqueio, discutido por Aronoff (1976).

Para a autora, a definição de léxico está intimamente ligada à noção de competência lexical. O léxico é formado, então, por uma lista de itens ou entradas lexicais e

⁸ Rocha (1998) define item ou entrada lexical como “uma forma linguística que o falante conhece e utiliza”.

regras que atuam nesses itens. A existência dessas regras no léxico é necessária para ser possível explicar o fato de falantes relacionarem itens lexicais, analisarem a sua estrutura interna e formarem novas palavras. Essas regras são de dois tipos: as regras de formação de palavras (RFPs) – propostas por Aronoff (1976), e, posteriormente, as regras de análise estrutural (RAEs). Aronoff (1976) propôs que as RFPs seriam responsáveis pela formação de novas palavras e pela análise das palavras já existentes na língua. Esta proposta, no entanto, à primeira vista, não daria conta da análise de vocábulos cujos elementos, embora transparentes, não fossem produtivos. A partir daí, Basilio (1980) propôs as RAEs, para dar conta de vocábulos que não poderiam ser analisados através das RFPs.

Neste momento, é possível ponderar a diferença na concepção de produtividade de ambos os autores. Aronoff (1976) sustenta sua análise considerando que o fenômeno produtividade⁹ está ancorado em uma oposição gradual, um *continuum* que vai do menos produtivo ao mais produtivo. Regras que não produzem palavras novas, portanto, são consideradas menos produtivas do que regras que assim o fazem, mas, mesmo assim, possuem certo grau de produtividade porque podem ser identificadas como regras por um falante. No momento em que não pudesse mais ser identificada, não se trataria mais de regra, uma vez que não faria mais parte do léxico do falante. Basilio (1980), por sua vez, adota uma oposição privativa e, para explicar os casos “- produtivos”, incorpora o traço +- transparente, já que, para a autora, a noção de produtividade está relacionada basicamente à formação de palavras novas. Se uma regra não forma mais palavras novas, mas mesmo assim ainda pode ser identificada pelo falante, tal identificação seria feita, na verdade, por uma RAE, e não uma RFP.

As RFPs, segundo Aronoff (1976), são responsáveis pela produtividade de formação de palavras da língua. Tais regras selecionam um conjunto de palavras nas quais elas podem operar. Esse conjunto, ou cada membro dele, chama-se *base*, a qual estará sujeita a uma única operação por regra (isto é, cada regra seleciona apenas uma operação). Cada regra também especifica a categoria morfológica da palavra resultante, chamada de *produto*, e a especificação semântica, a qual é uma função da especificação semântica da base. Tomemos como exemplo a base *central*, cuja categoria morfológica se insere no conjunto dos adjetivos.¹⁰ Com esta base mais a aplicação da regra de anexação do sufixo *-izar*, temos como resultado o verbo *centralizar*. O falante nativo de português saberá o significado deste verbo

⁹ O conceito de produtividade será abordado com mais profundidade no próximo subcapítulo deste trabalho.

¹⁰ Deste ponto em diante, a notação das categorias de base e produtos será dada pela seguinte rotulação: *central*_{Adj}.

desde que saiba o significado de sua base. Aronoff (1976) acredita que as RFPs não se aplicam todas as vezes que um falante usa determinada palavra. Elas se aplicam uma vez para formarem uma palavra. A palavra formada, em seguida, é adicionada ao léxico do falante.

Basilio (1980) argumenta que são as RAEs que analisam e que dão conta da transparência de elementos que compõem palavras já existentes. A autora afirma que toda RFP tem em contrapartida uma RAE. Dessa forma, o falante pode, a partir de uma formação nova, analisar a estrutura interna de formas já existentes, assim como, a partir da análise de formas já existentes, criar novas formas. Trazemos, como exemplo, a formalização de uma RFP e uma RAE que se relacionam.

(7)

$$\begin{array}{ll} \text{(i) RFP} & [X]_A \rightarrow [[X]_A Y]_B \\ \text{RAE} & [[X]_A Y]_B \end{array}$$

Com relação aos itens lexicais presentes no léxico, Rocha (1998) levanta a seguinte questão: “que formas linguísticas devem fazer parte da lista de itens lexicais de um falante?” (Rocha, 1998: 62). No período pré-morfologia lexical, o léxico era pensado como um lugar de idiosincrasias, em que se encontravam apenas formas irregulares. No entanto, se os produtos reais – formas existentes na língua – produzidos pelas RFPs não estivessem também listados, não haveria como bloquear os produtos não reais das RFPs. A fim de exemplificar o exposto, o autor fala das bases ‘laranja’, ‘limão’, ‘caju’ e ‘maracujá’, em que ‘laranjada’ e ‘limonada’ são produtos reais da língua, ao passo que ‘(?)cajuada’ e ‘(?)maracujada’, embora se enquadrem nos critérios de produtividade, são inexistentes. Dessa forma, o autor define léxico como constituído de toda e qualquer forma linguística existente, da simples à derivada, e não somente de idiosincrasias.

Ao falar do léxico do português, Rocha (1998) discute os seguintes grupos: *lexemas* e *instrumentos gramaticais*. Os *lexemas* são palavras que apresentam uma ou mais raízes¹¹. A palavra ‘claro’ é um lexema simples, pois apresenta uma raiz, enquanto ‘sofá-cama’ é um lexema composto, pois apresenta duas raízes. Os *instrumentos gramaticais* não apresentam raiz, como os artigos, preposições e conjunções. Este último grupo constitui o que o autor chama de “lista fechada”, ou seja, não passível de produção de formas novas,

¹¹ O autor define o conceito de raiz quando trata dos processos de formação de palavras.

enquanto o primeiro constituiu uma “lista aberta”, grupo ao qual pertencem as formações novas.

No entanto, como se daria essa organização do léxico? Uma generalização linguística que deve ser levada em consideração por qualquer análise do inglês, por exemplo, é que a palavra *decision* (‘decisão’) está relacionada a *decide* (‘decidir’) em termos morfológicos, semânticos e sintáticos. A idéia inicial era de que apenas *decide* constava no léxico, e *decision* era derivada transformacionalmente de uma sentença como *John decide to go*. No entanto, A Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970) nasce da rejeição de que o sintagma nominal *John’s decision to go* (‘A decisão do John de ir’) deriva transformacionalmente de uma sentença como *John decided to go* (‘John decidiu ir’). Chomsky (1970) mostra, então, que não há como fazer tal análise sem aumentar consistentemente o poder descritivo das transformações e, conseqüentemente, diminuir o poder explicativo da análise.

De acordo com a análise de Chomsky, *decision* e *decide* pertencem à mesma entrada lexical, sendo que a forma *decision* é inserida em um nó nominal enquanto a forma *decide* é inserida em um nó verbal. Para Jackendoff (1975), no entanto, ambas as formas são entradas lexicais distintas mas relacionadas (saber uma delas torna o aprendizado da outra mais fácil), e a formação da segunda depende da primeira acrescida de sua relação com uma determinada regra de redundância lexical, responsável por generalizações dentro do léxico. Em seu trabalho, Jackendoff (1975) assume a **Teoria da entrada plena (full-entry theory)**, que consiste na ideia de que todas as entradas lexicais estão totalmente especificadas. Primeiramente, temos a entrada lexical mais básica, como *decide*, de acordo com a formalização que segue.

(8)

/representação fonológica/ traços sintáticos REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA
--

(9)

/decīd/ +V + [NP ₁ _____ on NP ₂] NP ₁ DECIDE ON NP ₂

Na regra de redundância lexical a seguir, a seta bidirecional significa “está lexicalmente relacionado a”.

(10)

/y + ion/ +N + [NP ₁ 's _____ (P) NP ₂] ABSTRACT RESULT OF ACT NP ₁ 's Z-ing (P) NP ₂	↔	/y/ +V + [NP ₁ _____ (P) NP ₂] NP ₁ Z NP ₂
--	---	--

Com a entrada em (9) e a regra de redundância lexical em (10), podemos derivar a entrada lexical em (11).

(11)

/decīd + ion/ +N + [NP ₁ 's _____ on NP ₂] ABSTRACT RESULT OF ACT OF NP ₁ DECIDING ON NP ₂

Como explicar, no entanto, nominais como *agression* (‘agressão’), *retribution* (‘retribuição’) e *fission* (‘fissão’), para os quais não existem verbos como **agress*, **retribute* ou **fiss*? Em uma teoria transformacional, propõe-se necessariamente que tais formas verbais teóricas existam no léxico, a fim de que possam derivar seus nominais. Tais nominais carregam então o traço “exceção”, que indica que elas não possuem o item verbal relacionado. Este traço, contudo, parece ser contraintuitivo, visto que o esperado e natural é que a forma mais básica (neste caso, o verbo) exista no léxico antes do seu nominal relacionado. Essa

abordagem, portanto, sobrecarrega o léxico, em especial, com itens não existentes, e dá muito poder descritivo à teoria, o que, por sua vez, diminui seu poder explicativo.

A teoria da entrada plena é capaz de explicar esses casos sem a necessidade de estipular uma entrada lexical inexistente. A única informação adicional será, na segunda parte da regra de redundância lexical, uma raiz que não existe isoladamente no léxico. Essa visão é mais coerente e não precisa admitir que **agress*, **retribute* ou **fiss*, por exemplo, estejam listados no léxico. Portanto, *retribution* terá mais informação do que *decision*, pois contém uma raiz que não consta no léxico, mas terá menos informação do que **orchestra*, pois contém um sufixo e seu conteúdo semântico previstos por uma regra de redundância lexical.

1.2.1 Produtividade

Iniciamos esta subseção com uma citação de Aronoff (1976: 35): “Produtividade é um dos mistérios centrais da morfologia derivacional. É a raiz do fato estranho e frequente de que, embora muitas coisas sejam possíveis em morfologia, algumas são mais possíveis do que outras”. Produtividade, para Aronoff (1976), é medida através de um *continuum*, que vai do mais produtivo ao menos produtivo. Katamba (1993) a descreve da seguinte forma:

(I) Produtividade é uma questão de grau. Não é uma dicotomia, com alguns processos de formação de palavras sendo produtivos e outros improdutivos. Provavelmente, nenhum processo seja tão geral a ponto de afetar, sem exceções, todas as bases às quais poderia potencialmente ser aplicado. O que acontece na realidade é que alguns processos são relativamente mais gerais do que outros.

(ii) Produtividade está sujeita a dimensões de tempo. Um processo que é muito geral durante um período histórico pode se tornar menos geral em um período subsequente. De modo oposto, um processo novo que entra em uma língua pode inicialmente afetar uma fração pequena de inputs possíveis antes de se tornar amplamente mais aplicado.

(Katamba, 1993: 67).

Em termos de **recorrência** ou **frequência**, no sentido de generalidade, produtividade está relacionada à quantidade de palavras formadas por um determinado afixo. Tal critério é o responsável por considerarmos a flexão mais produtiva do que a derivação, uma vez que a primeira é obrigatória – portanto, mais recorrente – enquanto a segunda é opcional. Produtividade também é entendida como **criatividade** (Chomsky, 1980, 1981, 1986), definida por Chomsky como a capacidade que os falantes têm de usarem elementos finitos para produzirem um número infinito de palavras e sentenças (Katamba, 1993). A definição de produtividade também está relacionada a restrições de cunho fonológico, morfológico, semântico e até mesmo estético, conhecidas como **bloqueio**.

Seu emprego, no trabalho de Aronoff (1976), refere-se apenas às RFPs. Mas, então, como saber se uma RFP é mais produtiva do que outra? Esta tarefa não é muito simples. Poderíamos simplesmente contabilizar o número de palavras formadas por cada regra. No entanto, estaríamos deixando de lado considerações importantes sobre “lista de palavras” e “lista de bases”.

Quanto à lista de palavras, é impossível determinar qual o número real de palavras formadas por uma regra, pois palavras novas são formadas diariamente. Ainda, como garantir que uma palavra formada entra de fato nesta “lista”? Qual seu critério de inclusão? E mesmo que tais palavras não tenham sido ainda formadas, devemos contabilizar a sua possibilidade de formação? Esta última pergunta nos leva à lista de bases. Na lista final de produção, uma regra pode ser mais produtiva do que outra em termos gerais. No entanto, se analisarmos os resultados, essa maior produtividade pode ser relativa. Uma regra pode ser mais produtiva porque há mais bases na língua às quais tal regra pode ser aplicada. Uma segunda regra, por sua vez, só pode ser aplicada a um número menor de bases existentes, o que a impede de ser mais produtiva. Porém, esta segunda regra, que possui um número menor de formações, é aplicada a uma porcentagem maior de bases possíveis. Isso faz dela, segundo esta abordagem, mais produtiva do que a primeira regra, maior em números, pois a segunda aplicou-se mais quando houve contexto para aplicação.

Há, ainda, outra questão envolvida na produtividade de uma regra. Aronoff (1976) discute sobre a intuição do falante sobre produtividade. Ao ser defrontado com as formas *perceptiveness* e *perceptivity* (‘perceptividade’), ambas possíveis e formadas a partir da base *perceptive* (‘perceptível’) por sufixos concorrentes, um falante de inglês possivelmente dirá que *perceptivity* é estranha ou forçada, e que, neste caso, *perceptiveness* é “melhor”. Esta intuição do falante nos fala sobre a “probabilidade de uma forma existir em

seu vocabulário”, o que, de certa forma, é equivalente à noção de produtividade. Aronoff (1976) busca, então, entender quais fatores levam um falante de inglês a escolher uma forma em detrimento da outra.

A fim de isolar a produtividade, é necessário escolher regras que diferem em apenas uma dimensão, excluindo outros fatores que possam influenciar os resultados. Para tanto, Aronoff (1976) escolhe as regras que formam palavras com os sufixos *-ness* e *-ity*, do inglês (correspondentes ao *-(i)dade* do português), pois ambos operam no mesmo tipo de base e têm como resultado a mesma categoria lexical e subcategorização (formam nomes abstratos a partir de adjetivos); como base, o autor restringiu somente a formas terminadas em *-ous* (correspondente ao *-oso* do português). O primeiro claramente se aplica mais produtivamente a formas terminadas em *-ous*. Embora ambas possíveis, a maioria das formas em *-ness* é “melhor” do que as formas em *-ity*. Em alguns casos, ainda, as formas em *-ity* são impossíveis. Aronoff (1976) elege três diferenças entre os afixos: semânticas, fonológicas e lexicais.

Semanticamente, formações em *Xousness* são mais “coerentes”, ou seja, seu significado está mais próximo da função semântica da regra. A regra formadora de *Xousness* possui apenas três significados:

(12)

- | |
|---|
| <p>(a) <i>O fato de que Y é Xous</i>
“His callousness surprised me = The fact that he was callous surprised me”
(‘Sua dureza me surpreendeu = O fato de ele ter sido duro me surpreendeu’)</p> <p>(b) <i>A extensão a qual Y é Xous</i>
“His callousness surprised me = The extent to which he was callous surprised me”
(Sua dureza me surpreendeu = A extensão a qual ele foi duro me surpreendeu)</p> <p>(c) <i>A qualidade ou estado de ser Xous</i>
“Callousness is not a virtue = The quality or state of being callous is not a virtue”
(Dureza não é uma virtude = A qualidade ou estado de ser duro não é uma virtude)</p> |
|---|

Todas as formações em *Xousness* estarão inseridas em uma dessas três possibilidades. Formações em *Xousity*, por sua vez, além desses três significados possíveis, ainda podem ter outras leituras, como significados técnicos, nomes concretos ou nomes contáveis. Essa diferença faz com que *-ness* seja mais coerente e seu significado seja mais previsível do que *-ity*. Produtividade parece estar diretamente relacionada à coerência de significado, pois, quanto mais coerente e transparente for o significado de um afixo, mais produtivo ele tende a ser.

Fonologicamente, a adição de *-ness* não causa quaisquer alterações na base, enquanto *-ity* altera a posição do acento (*luminous* / *luminosity* – ‘luminoso’ / ‘luminosidade’) e cria contexto para a aplicação da regra de encurtamento trissilábico (*men'd[ɛI]cious* / *men'd[θ]city* – ‘falso’ / ‘falsidade’). Há também casos em que a adição de *-ity* torna-se gatilho para a perda do sufixo *-ous* que o precede (*voracious*, *voracity*, **voraciousity* – ‘voraz’, ‘voracidade’). Tal regra de supressão, conhecida por truncamento, não pode ser prevista por propriedades gerais. Ou seja, não é possível prever que palavras sofrerão truncamento ou não. Isso significa que a regra de truncamento é determinada por palavras individuais e regida lexicalmente (o que nos leva a diferença lexical entre os afixos). Nota-se, nos dados do inglês, que tais irregularidades fazem com que o falante prefira formas mais regulares, como o caso de *-ness*, que nunca sofre quaisquer dessas regras.

Segundo Aronoff (1976), palavras que são resultado de regras regidas lexicalmente devem ser listadas de alguma forma e devem carregar um marcador arbitrário, que informe que aquela forma sofre determinada regra. Essa quantidade de informação faz com que o falante prefira a RFP que seja mais “simples”, semanticamente coerente, e com o menor número de alterações fonológicas. Para o autor, o lugar em que deve estar a lista de formações que contenham idiosincrasias é o léxico. Essa listagem tem conexão direta com produtividade no que se refere ao fenômeno conhecido como “bloqueio”. Bloqueio é a não ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra. Ou seja, se já existe um nome abstrato *Xousness*, não há a necessidade de formação de um nome em *-ity* com a mesma base, pois a lacuna estrutural daquele significado já foi preenchida – o que faz com que *-ity* seja menos produtivo. O exemplo de *-ness* e *-ity* também nos mostra que, se um dos afixos for mais produtivo do que o outro, o afixo mais produtivo é menos suscetível ao bloqueio do que seu concorrente menos produtivo. Ou seja, sempre que houver situação de concorrência entre *-ness* e *-ity*, no inglês, por exemplo, *-ness* será mais escolhido em detrimento de *-ity*, considerado menos produtivo em virtude das razões já apresentadas anteriormente.

Há alguns fatores que motivam o fenômeno de bloqueio. Tais fatores podem ser de nível fonológico, morfológico ou semântico. Um exemplo de bloqueio fonológico vem da formação de advérbios do inglês. Nesta língua, a formação de advérbios a partir da adição do sufixo *-ly* em adjetivos é muito produtiva. No entanto, quando o adjetivo já termina na sequência *-ly*, a formação do advérbio é bloqueada:

(13)

<u>Adjetivo</u>	<u>Advérbio</u>
kind ('gentil')	kindly ('gentilmente')
fierce ('feroz')	fiercely ('ferozmente')
silly ('tolo')	*sillyly ('tolamente')
friendly ('amigável')	*friendlyly ('amigavelmente')

O quadro acima nos mostra que a sequência [λlɪl] é bloqueada no inglês. Em português, temos um caso parecido com o sufixo *-al* formador de adjetivos. Este bloqueio não define a escolha de um afixo em detrimento de outro, mas prevê o uso do alomorfe. Em bases que já contenham a lateral, o sufixo utilizado pela regra de formação é o alomorfe *-ar*.

(14)

<u>Adjetivo</u>	<u>Advérbio</u>
Medicina	medicinal
Residência	residencial
Família	*familiar (familiar)
Círculo	*circulal (circular)

Em relação aos fatores morfológicos, propriedades morfológicas podem impedir que determinada base sofra a aplicação de uma regra morfológica. Como exemplo, no inglês, temos a diferença de comportamento entre morfemas nativos e morfemas estrangeiros. A regra de abrandamento da velar, que transforma [k] em [s], se restringe a bases de origem latina e francesa.

(15)

<u>Adjetivo</u>	<u>Substantivo</u>
cyni[k], cyni[k]al ('cínico')	cyni[s]ism
criti[k], criti[k]al ('crítico')	Criti[s]ism
Bla[k]e (nome próprio)	*Bla[s]ism (Bla[k]ism)

No caso acima, Blake, nome próprio, não sofre a regra de abrandamento da velar por não ser uma base de origem latina. Em português, temos como exemplo a formação do Pretérito Imperfeito do Indicativo. Enquanto verbos de primeira conjugação selecionam a terminação *-va*, os de segunda e terceira selecionam *-(i)a*¹².

(16)

<u>Infinitivo</u>		<u>Pretérito Perfeito do Indicativo</u>
1ª conjugação	Cantar	cantava
1ª conjugação	Jogar	jogava
2ª conjugação	Comer	Comia
2ª conjugação	Viver	vivia
3ª conjugação	Sorrir	sorria
3ª conjugação	Dormir	dormia

Quanto a restrições semânticas, um caso no inglês é o que se refere à restrição do uso do prefixo *un-* a adjetivos com sentido oposto. Por exemplo, temos *happy* ('feliz') e *unhappy* ('infeliz') – em contraste com *sad* ('triste'), mas não temos **unsad* ('não triste'); temos *loved* ('amado'), *unloved* ('não amado') – em contraste com *hated* ('odiado'), mas não temos **unhated* ('não odiado'). Nestes casos, a formação negativa com o prefixo seleciona preferencialmente o adjetivo de significado positivo, bloqueando a formação com base cujo significado seja negativo (por isso temos *unhappy* mas não **unsad*).

¹² Não é nossa intenção discutir a forma da desinência de passado dos verbos de segunda e terceira conjugação, se *-ia* ou *-a*.

Para entender os processos de formação de palavras, contudo, é necessário também esclarecer o conceito de transparência, diretamente relacionado à noção de produtividade.

As RAEs, definidas anteriormente, podem ser transparentes ou opacas. Se forem transparentes, a composição fonética e funcional e o significado dos elementos internos da palavra são identificáveis. Se forem opacas, há a possibilidade de a estrutura da palavra ser interpretada pelo falante como indivisível, ou seja, o falante só poderá analisar internamente determinada palavra se “enxergar” elementos internos dentro dela; caso contrário, não haverá aplicação de regra.

As RAEs são transparentes quando se aplicam a palavras cuja base é uma forma livre existente na língua, ou seja, o isolamento da base e do afixo é claro. Com relação às bases presas, a transparência das RAEs será definida pela recorrência ou não de relações paradigmáticas dessa base com outros afixos, e da relação do afixo da base presa com outras bases. Basilio (1980) traz como exemplo as formações em *-ção* em português. A fim de sintetizar a explicação dada pela autora, propomos o esquema que segue.

(17)

	Verbo	Nome	Adjetivo
a.	Participar	participação	participativo
b.	Agredir	agressão	agressivo
c.	-	emoção	emotivo
d.	-	condição	-

Tendo em vista que *-ção* forma nomes a partir de verbos, em (17a), a RAE $[[X]_V -ção]_N$ é plenamente transparente. Em (17b), embora tenhamos uma mudança morfofonológica da base (de *agred-* para *agress-*), a RAE também parece ser transparente. Em (17c), embora a RAE seja opaca por não haver um verbo para servir de base, o léxico nos oferece o paradigma de todas as formações transparentes em *-ção* e a recorrência da base com outro sufixo (o que nos mostra a relação entre nome e adjetivo). A RAE, portanto, tem condições de aplicabilidade nesse caso. Em (17d), o único paradigma que temos é o do sufixo *-ção*. Não temos a base verbal, e o léxico não dispõe de outras formas com a base em questão. Nesse caso, a RAE não se aplica e o falante analisa formas como (17d) como sendo

indivisíveis. Neste caso, a questão que fica em aberto refere-se ao fato da aceitação da existência de uma regra opaca, pois podemos considerar que, se for opaca, na verdade, sequer existe, uma vez que, como tal, não permitirá ao falante analisar a estrutura interna de uma palavra.

Assim como vimos na seção anterior, toda RFP tem em contrapartida uma RAE, que pode ser aplicada ou não, dependendo de sua transparência. No entanto, segundo Basilio (1980), há RAEs que são consideradas ‘isoladas’, sem serem relacionadas a nenhuma RFP. Essas RAEs dão conta da análise de construções que apresentam elementos não produtivos na língua. Aronoff (1976) analisava todas as formações a partir de RFPs, pois acreditava que mesmo as formações advindas de regras que já não eram mais produtivas foram geradas por RFPs que, em algum momento da história da língua, foram de fato produtivas, ou seja, a RFP pode não ser mais atuante, mas ainda existe para permitir a análise das formações pelas quais foi responsável.

Basilio (1980) traz o seguinte paradigma como exemplo de RAE sem RFP de contrapartida.

(18)

<u>Adjetivo</u>	<u>Nome abstrato</u>
Grato	gratidão
Manso	mansidão
Escuro	escuridão

A RAE $[[X]_{Adj} -id\tilde{a}o]_N$ é considerada transparente em consequência da disponibilidade de relações paradigmáticas do léxico. No entanto, a existência dos sufixos concorrentes *-idade*, *-ia*, *-ismo*, que também marcam a relação entre adjetivo e nome abstrato, impede que ela seja produtiva. Nas palavras da autora, em virtude dos sufixos citados altamente produtivos, “a RAE correspondente ao sufixo *-id\tilde{a}o* nunca se tornará uma RFP” (Basilio, 1980: 61). Nota-se que esse raciocínio é contrário ao de Aronoff (1976). Neste caso, o autor considera que regras formadoras de palavras como a responsável por formações desse tipo, como em *-id\tilde{a}o* no português, são, na verdade, RFPs que já foram produtivas (já foram responsáveis pela produção das palavras existentes na língua com o sufixo em questão), mas, no presente momento, dispõem de baixa produtividade (o suficiente apenas para que os falantes as analisem como tal, e não como um radical indecomponível).

Basilio (1980) ainda discute a relação entre RAEs. Um exemplo claro dessa relação diz respeito às bases presas. Tomemos como exemplo o esquema a seguir.¹³

(19)

<u>Nome</u>	<u>Adjetivo</u>
Teoria	teórico
Epidemia	epidêmico
Euforia	eufórico
Economia	econômico
Nostalgia	nostálgico

A autora defende que as formações em (19) derivam de bases presas, pois não é possível afirmar que uma se forma a partir da outra. Se nomes em *-ia* fossem base para a formação de adjetivos em *-ico*, seria necessária uma explicação *ad hoc* para o retrocesso do acento nas formas adjetivas. Não é possível admitir que adjetivos em *-ico* sejam bases para nomes em *-ia*, pois não há como identificar a concatenação dos morfemas no processo derivacional, ou seja, o sufixo *-ico* deveria estar presente nas formas em *-ia*, para podermos, então, identificar o ordenamento da derivação.

A partir dessa explicação, Basilio (1980) propõe a seguinte formalização para a regra geral de relação entre RAEs e, em seguida, sua aplicação para a relação entre *-ia* e *-ico*:

(20)

a.	$[XY]_A \leftrightarrow [XW]_B$
b.	$[Xico]_{Adj} \leftrightarrow [Xia]_N$

Em (20a), a entrada lexical formada pela regra de adição de *-ico* a uma base X se relaciona sistematicamente a uma entrada lexical formada pela regra de adição de *-ia* à mesma base X. Ao propor essa relação, a autora dá conta de formações antes não plenamente explicadas na literatura sobre o assunto.

¹³ O sufixo *-ico* foi escolhido para essa exemplificação por pertencer ao conjunto de afixos estudados neste trabalho.

Rocha (1998) complementa a discussão sobre transparência quando trata do fenômeno da *lexicalização*, também conhecido por *petrificação* e *idiomatização*, que se caracteriza pelo fato de uma forma cristalizada da língua apresentar “uma determinada estrutura diferente daquela prevista pela aplicação de sua respectiva RAE” (Rocha 1998: 86). O autor descreve cinco tipos de *lexicalização*.

Na *lexicalização categorial*, há irregularidade na categoria da base. Sabemos que o sufixo *-dor* forma nomes a partir de verbos (de acordo com a RFP $V \rightarrow N_{-dor}$ ¹⁴); no entanto, em formas como ‘aviador’ e ‘lenhador’, as bases são os substantivos ‘avião’ e ‘lenha’, respectivamente, considerando que os verbos ‘aviar’ e ‘lenhar’ não se encontram hoje no léxico dos falantes.¹⁵

Na *lexicalização prosódica*, a diferença diz respeito à tonicidade. Um exemplo são os casos de mudança da posição do acento em formas criadas por derivação regressiva. Não há como explicar o porquê de o acento retroceder uma sílaba em formas como ‘controlar’ > ‘controle’ / ‘conversar’ > ‘conversa’, e retroceder duas sílabas em formas como ‘estimular’ > ‘estímulo’ / ‘duvidar’ > ‘dúvida’. O autor ressalta o fato de essa relação coincidir com um dado histórico, de que esses pares nome/verbo foram herdados já prontos do latim, inclusive com a estrutura acentual latina. No entanto, Rocha (1998) lembra que essa explicação não é plausível se levarmos em consideração a competência lexical do falante, que não possui memória linguística do latim.

Na *lexicalização estrutural*, há uma anomalia na estrutura do vocábulo. Essa categoria abarca formas como ‘afligir’, cujo nome derivado é ‘aflição’ em vez de ‘(?)aflição’, ou ‘adotar’, cujo nome derivado é ‘adoção’ em vez de ‘(?)adoção’. A supressão de sílabas nesses casos é estudada por Aronoff (1976), que a chama de *regra de truncamento*. Rocha (1998) afirma que o caráter idiossincrático desse apagamento impossibilita a formalização de uma regra. Tal comportamento peculiar do truncamento nos faz questionar seu caráter morfológico. Neste caso, a supressão aleatória de sons (e não de morfemas), nos leva a acreditar que este fenômeno se enquadra melhor como um processo fonológico, e não morfológico.

¹⁴ A formalização dessa regra corresponde à formalização $[X]_V \rightarrow [[X]_V -dor]_N$, de acordo com Basilio (1980). No entanto, seguiremos a formalização simplificada de Rocha (1998), a fim de sermos coerentes com o texto do autor.

¹⁵ Aqui, cabe questionar se algum dia tais verbos estiveram presentes no léxico dos falantes de portugueses.

Na *lexicalização rizomórfica*, há irregularidade com relação à raiz. Trata-se de casos em que há uma única raiz com variantes alomórficas. É o caso de ‘cabelo’ > ‘capilar’ / ‘chuva’ > ‘pluvial’.

Por fim, na *lexicalização semântica*, há transparência na estrutura, mas não no significado. O autor traz como exemplo o caso de ‘acabar’ > ‘acabamento’, em que a forma derivada possui um significado não esperado com relação ao sufixo: esta significa ‘retoque ou toque final’ em vez de ‘ato, resultado ou processo de acabar’.

1.3 Fonologia e Morfologia Lexical

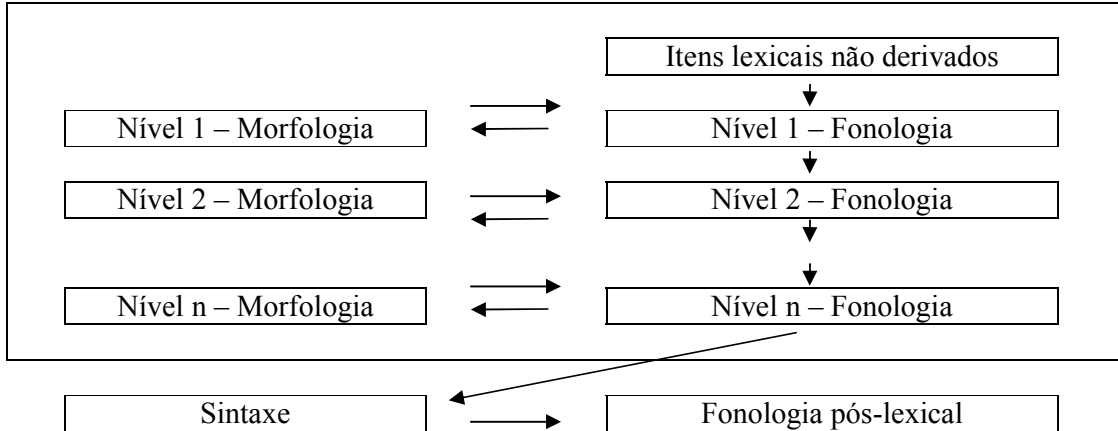
A partir das ideias da Morfologia Lexical, tendo em vista a interação da fonologia e da morfologia em processos lexicais, surgiu a Fonologia e a Morfologia Lexical, como uma evolução da teoria anterior, capaz de relacionar esses dois componentes da gramática.

A ideia básica de Kiparsky (1982) é a de que uma morfologia ordenada em níveis (primeiramente proposta por Siegel, (1974, 1977) dispõe da organização em níveis dos processos derivacionais e flexionais de uma determinada língua, aos quais se associam conjuntos de regras fonológicas, cujo domínio de aplicação é restringido por tais níveis. Além disso, o ordenamento de níveis explicita o possível ordenamento dos processos morfológicos durante a formação de palavras.

O output de cada processo de formação de palavras se torna o input para o conjunto de regras fonológicas que pertence àquele nível do léxico. Portanto, é possível distinguir as regras fonológicas que se aplicam no léxico (denominadas de lexicais) daquelas que se aplicam depois que as palavras já tiverem sido combinadas na sintaxe (denominadas de pós-lexicais). As primeiras são tipicamente cíclicas, pois se reaplicam a cada output de processo morfológico do nível ao qual pertencem. As segundas, por sua vez, são intrinsecamente não cíclicas.

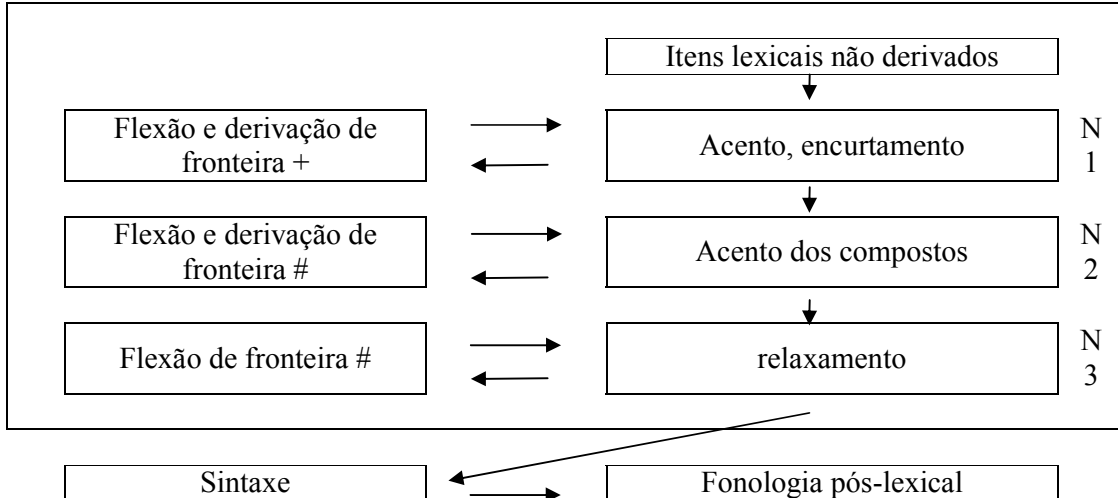
Segundo o autor, é possível desenhar a estrutura do léxico como no esquema em (21).

(21) Léxico



A caixa superior da direita constitui o conjunto de itens lexicais não-derivados da língua. No entanto, o resultado de cada nível de derivação também deve constituir-se um item lexical. A fim de exemplificar, o autor propõe uma esquematização do léxico do inglês, em (22).

(22) Léxico do inglês



O primeiro nível contém afixos considerados de fronteira fraca (+), ou sufixos primários, como os sufixos *-al*, *-ous*, *-ity*, e *-th*. Também estão incluídos nesse nível sufixos de flexão irregular, como aqueles de *keep>kept*, *child>children*, etc. Ao segundo nível são atribuídos sufixos de fronteira forte (#), ou sufixos secundários, tais como os de derivação regular (*-hood*, *-ness*, *-er*, *-ism*, *-ist*) e a composição. Ao terceiro nível atribui-se a flexão regular (*leap>leaped*, *book>books*).

Com o objetivo de ir ao encontro das ideias de Liber (1980), Kiparsky (1982) distingue dois tipos básicos de processo de formação de palavra, a composição e a afixação. O autor também assume que toda formação de palavra é endocêntrica, ou seja, a categoria de uma palavra derivada é sempre não distinta da categoria de seu núcleo (o qual, no inglês, é o constituinte mais à direita).

Segundo o autor, enquanto um prefixo se une à categoria a qual a palavra não prefixada pertence, o sufixo, por sua vez, é o membro semântica e gramaticalmente relevante, pois é ele o elemento determinado. Em *fatherhood*, por exemplo, *father* é apenas um determinante. Portanto, no caso de formações de palavras aparentemente exocêntricas, o autor conclui que há o envolvimento de morfema zero.

Nesta abordagem, há a necessidade de definir certas informações ao afixo, como a que tipo de base se anexa, se é prefixo ou sufixo, e quais são as propriedades da forma resultante. Os afixos não serão entradas lexicais e não terão traços lexicais inerentes, mas serão introduzidos pela regra em (23), em que y e z correspondem a um esquema de subcategorização (informações necessárias aos afixos) de A, e X corresponde a sua especificação de traço categorial inerente.

(23)

Insira A em um ambiente [Y _ Z]_X

Como exemplo, uma regra morfológica, no nível 1, é responsável pelo plural irregular *ox*>*oxen*. Tal representação pode ser visualizada em (24).

(24)

Insira /en/ no ambiente [ox _]_{Nome,+Plural}

Já o plural *boy*>*boys* não sofre tal regra, pois sua subcategorização não é encontrada. Então, se for necessário sofrer a regra de plural, será submetido à regra em (25), no nível 3.

(25)

Insira /z/ no ambiente [X _]_{Nome, + Plural}

Os processos morfológicos nos diversos níveis relacionam-se de forma característica, de acordo com as propriedades de cada língua.

Uma dessas características é o fenômeno conhecido como “bloqueio”¹⁶ (Paul, 1896; Esaú, 1973; Aronoff, 1976; Clark e Clark, 1979; Toman, 1980). Palavras que recebem flexão no nível 1 não recebem o sufixo regular de flexão do nível 3 (*foot*>*feet* e não **foots* / *keep*>*kept* e não **keeped*). No entanto, como é possível casos de pares como *kneel*>*kneeled* / *knelt*, *dream*>*dreamed* / *dreamt*? Nesses casos, especialmente na derivação, o bloqueio parece ser apenas uma tendência, e não um fenômeno categórico. Tal fenômeno resulta da obrigatoriedade de regras morfológicas. Se o bloqueio falhar, a regra especial (como os plurais irregulares) torna-se opcional para tais palavras que possuem duplas. Na derivação, verbos que são sujeitos a determinada regra no nível 1 tendem a não sofrer a regra produtiva do nível 2, como é o caso da formação dos agentivos em inglês.

(26) Formação de agentivo no nível 1

Insira /Ø/ no ambiente [V_n _]_{Nome, +Agentivo}

Em que V_n = *guide*, *bore*, *gossip*...

(27) Insira /er/ no ambiente [V _]_{Nome, +Agente}

Uma vez que a regra em (26) formou *spy*_{nome}, não há como aplicar a regra em (27); desta forma, não é possível encontrar na língua a formação **spier*. Quando ambas as formações existem, há uma especialização semântica envolvida, ou seja, o significado não é o mesmo, como pode ser visto em (28).

(28)

Cook (pessoa) e *cooker* (eletrodoméstico)

Drill (dispositivo) e *driller* (pessoa)

Há uma restrição, porém, na aplicação de tal fenômeno. O bloqueio só pode estar localizado no mesmo nível ou no nível anterior ao em que o processo é bloqueado. Não é possível encontrar, por exemplo, afixos de formação restrita ordenados depois de afixos de formação mais geral para uma dada categoria. Isso é resultado do ordenamento dos níveis,

¹⁶ Definição encontrada na seção 1.2.1.

pois não é possível um processo bloquear outro que o precede, uma vez que o bloqueio acontece com a aplicação de uma regra anterior.

A partir disso, o processo mais restrito deve ser ordenado antes do processo de aplicação mais geral, quando ambos estiverem em relação de bloqueio (no caso dos afixos concorrentes). Isso explica por que processos de níveis posteriores são geralmente mais produtivos do que processos relacionados pertencentes a níveis anteriores.

Processos derivacionais de níveis posteriores são semanticamente mais uniformes do que os de níveis anteriores (em que há usos especializados). A “coerência” semântica dos processos é responsável por sua produtividade (Aronoff, 1976). Particularidades semânticas adicionam complexidade ao processo, o que faz com que as palavras às quais regras desse tipo se aplicam devam ser listadas, impossibilitando que um processo posterior se aplique categoricamente.

Itens lexicais que carregam inerentemente um traço (regra de identidade lexical) não recebem o morfema que marca tal traço, como por exemplo *cattle* e *people*, que, por já possuírem inerentemente o traço plural, não podem receber novamente marcação de plural (**cattles*, **peoples*).

Tal fato pode ser explicado através de *Elsewhere Condition*, descrita em (29).

(29) *Elsewhere Condition*

As regras A e B, em um mesmo componente, aplicam-se disjuntivamente a uma forma ϕ se e somente se:

- (i) a descrição estrutural de A (a regra especial) adequadamente incluir a descrição estrutural de B (a regra geral).
- (ii) o resultado da aplicação de A a ϕ seja distinto do resultado da aplicação de B a ϕ .

A condição em (29) também é responsável pela não formação de **oxens*. Como a regra mais restrita (plural irregular com *-en*) foi aplicada no nível 1, uma vez que a descrição estrutural de ambas as regras está adequada, a regra mais geral não se aplica (plural regular com *-s*). O fato de o output de cada estágio de formação de palavras figurar como itens lexicais garante que *oxen*_{Nome,+Plural} não receba plural no nível 3, assim como *people*_{Nome,+Plural}.

A organização dos níveis nos permite concluir que o resultado de um processo de plural irregular deve estar presente em formações que seguem para o nível 2. Tal conclusão é corroborada pelo fato de ser possível encontrar plural irregular dentro de compostos no inglês, como em *teethmarks*.¹⁷

(30)

Nível 1	plural irregular	<i>tooth</i> >	<i>teeth</i>
Nível 2	Composição	<i>teeth + mark</i> >	<i>teeth mark</i>
Nível 3	plural regular	<i>teeth mark + s</i> >	<i>teeth marks</i>

No caso dos compostos exocêntricos, ao contrário dos endocêntricos, que são formados no nível 2 e incluem palavras derivadas do nível 1, há a atribuição de um morfema zero (uma vez que não há divisão de propriedades do núcleo, como os endocêntricos). A fim de respeitar a restrição de que sufixos derivacionais não se acrescentam a plurais já derivados¹⁸, o composto exocêntrico sai do nível 2 com marca de singular para receber plural regular no nível 3, adicionado ao composto inteiro.

(31)

Milk teeth (endocêntrico)

Sabertooths (exocêntrico)

O ordenamento de níveis prevê que um afixo de nível *n* não pode ser adicionado a uma base que já contenha um afixo de nível *n+1*. Como exemplo, temos o caso dos prefixos que exprimem negação *in-* e *non-*, do inglês. Enquanto *in-* assimila a consoante seguinte (por isso a ele atribui-se fronteira fraca), *non-* mantém-se neutro em relação à base (fronteira forte). A diferença entre eles está, portanto, no fato de que pertencem a níveis diferentes. Isso explica, por exemplo, o fato de encontrarmos *non-* antes do prefixo *in-*, mas nunca o contrário.

¹⁷ Embora devesse estar disponível para afixação de nível 2, tal fato, segundo Kiparsky (1982), parece não se realizar. Portanto, é necessária uma restrição *ad hoc* que bloqueie tal processo.

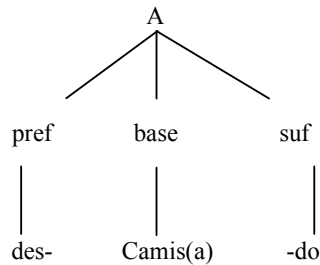
¹⁸ Restrição *ad hoc* mencionada anteriormente. Ou seja, o morfema zero, sufixo derivacional, não pode ser adicionado a uma palavra que já possua marca de plural vinda do nível 1.

(32)

<i>in- + legible</i> →	<i>Illegible</i>
<i>non- # legible</i> →	<i>*nollegible</i>
<i>non- # in- + legible</i>	<i>nonillegible</i>
<i>in- + non- # legible</i>	<i>*innonlegible</i>

Tal teoria nos possibilitará entender a formação de derivação parassintética sem a necessidade de criação de palavras estranhas à língua, pois consideraremos que tanto a prefixação quanto a sufixação ocorrerão dentro do mesmo nível. Schwindt (2000) mostra como a análise que prevê anexação simultânea de prefixo e afixo à base é problemática, pois:

a) fere a Hipótese de Ramificação Binária (HRB), originalmente formulada por Aronoff (1976), de acordo com a qual regras de formação de palavras atacam um e somente um afixo de cada vez;



b) institui um novo processo que cria coisas idênticas ao que outros dois processos formam em separado.

(Schwindt, 2000: 164)

Em sua análise, Schwindt (2000) propõe que a derivação parassintética ocorra no nível 1, o nível que lida com a formação da palavra, em que a sufixação se aplica primeiro, gerando um estrato intermediário que não tem *status* prosódico de palavra até que se faça a anexação do prefixo, em estrato posterior. Dessa forma, temos uma derivação binária que não cria um vocábulo inexistente na língua, uma vez que a formação somente será considerada tal ao final do nível 1. A seguir, apresentamos a derivação de *descamisado*.

(33)

NÍVEL 1

Sufixação / N→A

[[kamiz(a)]do]

Silabificação

[ka.mi.za.do]

Acento

[ka.mi.zá.do]

Prefixação

[deS[ka.mi.zá.do]]

Silabificação

[deS.ka.mi.zá.do]

deskamizádu

(Schwindt, 2000: 167)

Acreditamos que tais teorias sejam capazes de dar conta dos processos pertinentes ao presente estudo. Passemos, agora, à discussão dos processos de formação de palavras aplicados ao português brasileiro.

1.4 Formação de palavras em português

Antes de iniciar a discussão sobre formação de palavras em português, vejamos os conceitos de *base*, *raiz* e *radical*, de acordo com a visão de Rocha (1998).

Base é uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa. Ela pode ser livre ou presa, como ilustram os exemplos abaixo.

(34)

<u>Produto</u>	<u>Base</u>		
apelidador	apelidar	→	base livre
agrário	agr- + ário	→	base presa

Rocha (1998), assim como Basilio (1987), acredita que as palavras são formadas em camadas, por processos diferentes e em momentos diferentes. Essa ideia vai de encontro à ideia estruturalista de mera concatenação de morfemas. Na sequência de derivação ‘descentralização’ < ‘descentralizar’ < ‘centralizar’ < ‘central’ < ‘centro’, não cabe afirmar, portanto, que ‘descentralização’ formou-se a partir de ‘centro’, se levarmos em consideração que novas palavras são formadas em etapas sucessivas.

Raiz é um morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras”. Por exemplo, em ‘livro’, ‘livrinho’, ‘livreiro’, ‘livraria’, ‘livresco’, a raiz comum a todas essas palavras é *livr-*.

Radical é a parte da palavra que está presente em todas as formas de uma mesma palavra. (...) a parte da palavra comum às variações de flexão. Trazemos alguns exemplos retirados de Rocha (1998) a fim de esquematizar a diferença entre *base*, *raiz* e *radical*.

(35)

<u>Item Lexical</u>	<u>Base</u>	<u>Raiz</u> ¹⁹	<u>Radical</u> ²⁰
leiteiro (S)	leite	leit-	leiteir-
barrigudo (A)	barriga	barrig-	barrigud-
transformar (V)	formar	form-	transform-
esclarecer (V)	claro	clar-	esclarec-

Quando se fala em formação de palavras e derivação, fala-se também em mudança de categoria ou classe gramatical. Segundo Basilio (2004), o padrão geral correspondente aos processos de mudança de classe no português pode ser resumido como:

(1) As categorias lexicais plenas são: substantivo, adjetivo e verbo.

(2) Processos de formação de palavras possibilitam a formação de palavras de qualquer categoria lexical plena a partir de palavras de qualquer outra categoria lexical plena.

Basilio (2004: 28)

Ao lado desse fato, segundo a autora, há fatos particulares, que regem restrições de operação sobre determinadas bases. A estrutura da forma *derivada* é representada pela adição de um afixo a uma base, a qual é determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo. Na sufixação, temos a estrutura [[base] sufixo]_X, sendo que é o sufixo que determina a categoria lexical do produto. Na prefixação, temos a estrutura [prefixo [base]]_X, sendo que o prefixo

¹⁹ Em seu texto, o autor se refere ao termo *raiz* numa perspectiva sincrônica, embora muitos autores a utilizem apenas em referência à linguística histórica e à diacronia. Neste contexto, este elemento é conhecido sincronicamente por “radical primário”.

²⁰ Ou “radical secundário”.

altera semanticamente a base, mas não muda sua categoria lexical. Na parassíntese, temos a estrutura [prefixo [base] sufixo]_X, sendo que o prefixo altera semanticamente a base enquanto o sufixo determina a categoria lexical do produto resultante.

A *derivação sufixal*, processo mais rico da língua portuguesa, segundo a literatura e, portanto, o mais “acionado” pelos falantes, caracteriza-se pela anexação de um sufixo à direita de uma base. Base e sufixo estabelecerão, assim, relações de regularidade. Depois de ter feito algumas especificações sobre a *base* (e sua distinção de *raiz* e *radical*), Rocha (1998) discute algumas relações entre os sufixos, como por exemplo, *sufixos concorrentes*, *sufixos alomorfêmicos*, *sufixos categoriais* e *sufixos produtivos versus improdutivos*.

Sufixos concorrentes são distintos foneticamente, mas possuem o mesmo significado e função. O autor alerta que, para que os sufixos sejam concorrentes, as bases e os produtos precisam pertencer à mesma categoria lexical. Os sufixos *-ista* e *-dor*, ambos formadores de nomes agentivos, não são concorrentes porque, enquanto *-ista* seleciona bases nominais (‘flor’ → ‘florista’), *-dor* seleciona bases verbais (‘pescar’ → ‘pescador’). São concorrentes os seguintes sufixos:

(36)

<u>Sufixos</u>	<u>Categorias da Base e do Produto</u>
<i>-ista</i> e <i>-eiro</i>	S → S _{Agentivo}
<i>-dor</i> e <i>-nte</i>	V → S _{Agentivo}
<i>-mento</i> e <i>-ção</i>	V → S _{Abstrato}
<i>-al</i> , <i>-ico</i> , <i>-iano</i> , <i>-eiro</i> , <i>-ino</i> , <i>-estre</i> , <i>-aco</i> , <i>-ado</i> , <i>-ar</i> , <i>-ento</i> , - <i>eo</i> , <i>etc.</i>	S → Adj

Sufixos alomorfêmicos são aqueles que possuem variantes. Esse é o caso de *-inho* ~ *-zinho*, *-al* ~ *-zal*, *-ão* ~ *-zão*²¹.

²¹ Rocha (1998) não discute a distribuição dessas variantes; no entanto, sabemos que há uma restrição fonológica operando: se a palavra for terminada em consoante ou for oxítone terminada em vogal, a variante exigida será a com a consoante **z**, como em ‘homenzinho’ / ‘cafezinho’; se a palavra for terminada em vogal átona, há a anexação da variante sem a consoante **z**, como em ‘casinha’ / ‘comidinha’.

Sufixos categoriais são aqueles que mudam a categoria lexical do produto com relação à base. Eles podem ser significativos ou não. São significativos se apresentarem um acréscimo de significado à base, como por exemplo, ‘federal’ → ‘federalismo’, em que o sufixo adiciona à base o sentido de ‘sistema político’. São não significativos, ou também chamados de funcionais, se não apresentarem acréscimo de significado à base, como por exemplo, ‘teatro’ > ‘teatral’. Há também os sufixos não categoriais (e significativos), os quais não mudam a categoria lexical do produto com relação à base, como por exemplo, ‘lindo’ > ‘lindíssimo’. Rocha (1998) lembra que parece não haver sufixos não categoriais e não significativos na língua, visto que é possível detectar alguma diferença de grau ou, até mesmo, diferença estilística. Esse é o caso de ‘triste’/ ‘tristonho’, ‘feio’/ ‘feioso’.

No que diz respeito às regras produtivas, podemos enumerar alguns tipos de padrões sufixais do português. Esses padrões estão ligados a relações paradigmáticas existentes entre determinadas palavras da língua. O caso mais clássico é o da nominalização, ou seja, a criação de um substantivo a partir de uma outra categoria que não seja substantivo (definição *lato sensu*). O padrão de nominalização (*strictu sensu*) mais recorrente em português é o da relação entre verbos e nomes abstratos. Dado um verbo, espera-se a existência de um substantivo abstrato sufixado correspondente. Essa relação também se dá na formação de substantivos deverbais (no que se refere aos agentivos), substantivos deadjetivais, substantivos graduais e adjetivos graduais.

Rocha (1998) fala de um outro fenômeno da derivação sufixal antes de abordar a derivação prefixal: a *transgressão sufixal*, que acontece quando as condições de produtividade de uma regra não são respeitadas. Se considerarmos, por exemplo, que o verbo ‘lenhar’ não existe no léxico dos falantes, e que a formação ‘lenhador’ não é cristalizada, a RFP $V \rightarrow N_{-dor}$ será transgredida, uma vez que, se o verbo ‘lenhar’ não existe, a base ‘lenha’ que deverá ser selecionada não respeita a condição de produtividade da RFP, pois ela é nominal.

Encerrada a questão acerca da *derivação sufixal*, o autor discute a *derivação prefixal*, que consiste na anexação de um afixo à esquerda de uma base. Há controvérsias entre estudiosos de linguística se esse processo é derivacional ou composicional. Rocha (1998) defende que se trata de derivação, e afirma que mesmo formações com ‘sobre’ (‘sobreviver’), ‘com’ (‘conviver’), ‘entre’ (‘entressafra’) e ‘contra’ (‘contradizer’) não podem ser consideradas compostas porque possuem apenas uma raiz. As formas citadas, embora sejam livres, não apresentam raiz. São caracterizadas, então, como formas dependentes.

Em argumento por nós partilhado, Rocha (1998) critica a posição assumida pelas gramáticas tradicionais de dividirem os prefixos em gregos e latinos, levando em consideração apenas aspectos diacrônicos. O autor afirma que a memória dos falantes não permite tal informação. Ademais, baseando-se nesse critério, acabam sendo consideradas prefixadas palavras que são analisadas pelos falantes como primitivas, sem a presença de prefixo. Este é o caso de palavras como: ‘sílabas’, ‘biscoito’, ‘colégio’, etc.

Ainda sobre os prefixos, o autor comenta o fato de que estes não mudam a categoria lexical do produto em relação à base, como é o caso dos sufixos. Como os sufixos, prefixos podem *alomorfêmicos*, como *in-* ~ *i-* (‘íngrato’, ‘irreal’); *homófonos*, como *in-* com sentido de ‘negação’ (infeliz, injusto) e *in-* com o sentido de ‘movimento para dentro’ (ingerir, imigrar); e *concorrentes*, como *des-* e *in-*, ambos com o sentido de ‘negação’ (‘desleal’, ‘infiel’).

A *derivação parassintética* é um processo de criação de um vocábulo a partir da anexação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base. Não temos, para servir de base à forma ‘esclarecer’, por exemplo, nem a forma prefixada ‘*esclaro’, nem a sufixada ‘*clarecer’. Passa-se diretamente de ‘claro’ para ‘esclarecer’. Não é o caso de ‘deslealdade’, para o qual temos na língua tanto a forma prefixada ‘desleal’ quanto a sufixada ‘lealdade’.

A passagem direta de ‘claro’ para ‘esclarecer’ fere o princípio da binaridade das formações, o qual prevê que, em cada formação, temos a adição de apenas um afixo por vez. Para contornar este problema, autores como Rosa (2005) descrevem a possibilidade de encarar a parassíntese como um processo de circunfixação, em que *es-* e *-ecer* seriam parte de um mesmo afixo descontínuo, o circunfixo. Segundo essa abordagem, a base seria inserida no meio do circunfixo. No entanto, sabe-se que tanto *es-* quanto *-ecer* podem ocorrer isoladamente em outras formações e se combinam com outros afixos nas formações parassintéticas, sempre com mesma função e significado. Portanto, encará-los como circunfixo duplicaria o número de afixos desnecessariamente. Uma saída é trazida pela Fonologia e Morfologia Lexical, que considera tanto a derivação prefixal quanto a sufixal como pertencentes ao mesmo nível. Assim, respeita-se o critério de binaridade e não se criam palavras não existentes na língua durante o processo, já que a formação só deve respeitar esse critério ao passar de um nível para outro, mas não intraníveis.

As bases para as formações parassintéticas são nominais. As substantivas dão origem a verbos (‘botão’ > ‘abotoar’) ou a adjetivos (‘chocolate’ > ‘achocolatado’), enquanto as adjetivas dão origem somente a verbos (‘surdo’ > ‘ensurdecer’).

Com relação a formações novas, Rocha (1998) busca responder a seguinte questão: por que se formam novas palavras? Primeiramente, por exigências do sistema linguístico, como, por exemplo, a necessidade de empregar um item lexical de uma classe em outra – função de mudança categorial. Em segundo lugar, pela necessidade de expressão de subjetividade por parte do sujeito – função expressiva de avaliação. Finalmente, pela necessidade que o homem tem de “dar nome às coisas” – função de rotulação.

Rocha (1998) distingue *condições de produtividade* de *condições de produção* de uma RFP, conceitos abordados por Basilio (1990). As primeiras dizem respeito ao “potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicas possíveis” ao passo que as segundas “dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática”²². A fim de exemplificar a diferença entre essas condições, Rocha (1998) faz uma análise da regra $S \rightarrow S_{-eiro}$.

No que diz respeito às condições de produtividade, a regra acima tem como produto um agentivo. No entanto, a especificação da categoria lexical da base não é suficiente para a aplicação da regra, pois o sufixo *-eiro* não pode ser atribuído a todos os substantivos da língua. É necessária, ainda, a especificação de subcategorias, que podem ser de natureza fonética, morfológica, sintática, etc. A regra em questão não se aplica a substantivos abstratos, agentivos, ou que sejam formações compostas. Há bases, todavia, que obedecem a todas estas restrições mas que, mesmo assim, não formam produtos reais da língua. Isso acontece devido às condições de produção, ou seja, em virtude de *restrições* de ordem interna ou externa à base. Por exemplo, temos a formação ‘doleiro’ (indivíduo que comercializa dólar), mas não temos ‘(?)fraqueiro’ (indivíduo que comercializa franco). As bases igualmente satisfazem às condições de produtividade; no entanto, ‘(?)fraqueiro’ não respeita uma condição de produção de ordem pragmática, um vez que essa profissão não existe, ao menos reconhecida, na sociedade. Há também as restrições de *bloqueio*, descrito por Aronoff (1976), que é a “não ocorrência de uma forma devido à simples existência de uma outra”²³, e a *inércia morfológica*, a não ocorrência de uma forma mesmo não havendo nenhum tipo de restrição ou bloqueio.

Sandmann (1988) realizou uma pesquisa sobre produtividade em formação de palavras no português brasileiro, com uma extensa coleta de dados. O *corpus* foi formado por quarenta e dois jornais diários brasileiros correspondentes a todos os meses do ano de 1984, a

²² Citações de Basilio (1990: 3).

²³ Definição de Aronoff (1976: 43).

saber, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. O critério de inclusão das formações estabelecido pelo autor foi de não estarem registradas no Dicionário Aurélio.

Após uma discussão sobre cada processo de formação de palavras e uma análise de cada afixo encontrado no *corpus*, Sandmann (1988) chegou aos seguintes números: das 1.128 ocorrências, 37 eram palavras com semiprefixos; 64 faziam parte de tipos especiais de formação de palavras (abreviações, elipses, formações analógicas, etc.); 260 eram composições; e 767 eram derivações, sendo 8 derivações regressivas, 27 conversões, 4 derivações parassintéticas, 298 prefixações, e 430 sufixações, dentre as quais 282 eram substantivos, 98 eram adjetivos, 35 eram verbos, e 15 eram advérbios.

Maroneze (2005) revisitou textos escritos para buscar formações de palavras novas em português, a partir da *base* de dados *Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil*, constituído por unidades lexicais neológicas extraídas de jornais e revistas, que conta com 13.572 unidades lexicais neológicas, que constituem mais de 24.600 ocorrências. Desse total, o autor constatou que cerca de 1% se tratava de formas nominalizadas: 112 formações com o sufixo *-ção*, 30 formações com o sufixo *-mento*, 13 formações com o sufixo *-agem*, 05 formações com o sufixo *-da*, 07 formações com o sufixo *-nc(i)a* e 04 derivações regressivas.

Andrade (1996), em estudo sobre o prefixo *re-*, constatou que, em corpus de língua falada (NURC – Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta Urbana), tal prefixo apresenta frequência reduzida quanto a formas transparentes. Com corpus de língua escrita (de cunho jornalístico), no entanto, o autor encontrou uma maior ocorrência do prefixo, para o qual propôs a RFP $[[re-] X]_v$.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o Projeto VARSUL, banco de dados de onde nosso corpus foi coletado, a forma de coleta, os procedimentos metodológicos utilizados no tratamento do *corpus*, bem como os objetivos e hipóteses que norteiam nosso trabalho.

2.1 O Banco de Dados VARSUL

Os dados que compõem o corpus desta pesquisa são provenientes do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul). Tal projeto é resultado de uma ação conjunta entre universidades dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e foi implementado pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e Universidade Federal do Paraná – UFPR. Em 1993, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – ingressou no projeto. A coleta inicial, feita de 1990 a 1996, continha 24 entrevistas de cada município pertencente ao banco.

Num primeiro contato com o informante foi gravada a entrevista A, que continha informações sobre a identidade social do informante. Com duração de 5 a 15 minutos cada uma, essa entrevista não foi transcrita, mas usada para registro das informações sociais relevantes sobre o informante e para o planejamento de uma segunda entrevista.

No segundo contato, foi gravada a entrevista B, com duração aproximada de 45 minutos, que continha uma conversa em estilo não controlado sobre a vida do habitante da cidade. Essa segunda entrevista foi transcrita e codificada com o programa Editor Varsul. Os programas Editor V.1.0, utilizado para codificação, leitura e impressão das entrevistas, e Interpretador, responsável por buscas de informação nas entrevistas para a coleta de dados,

foram desenvolvidos originalmente para a utilização exclusiva pelo Projeto VARSUL pela empresa ENGESIS Engenharia.

A implantação desse banco foi feita inicialmente com os dados das capitais e de uma cidade do interior de cada Estado. Numa segunda etapa, esses dados foram complementados para cobrir as áreas urbanas mais representativas das regiões que foram histórica e sócio-culturalmente salientes e relevantes em cada Estado. Foram selecionados quatro municípios por Estado representativos de grupos populacionais comprovadamente relevantes no seu processo de ocupação.

A representação do Rio Grande do Sul é feita pela capital Porto Alegre; por Flores da Cunha, representando a etnia italiana; Panambi, representando a cultura alemã; e São Borja, representando a área fronteira. O Estado de Santa Catarina é representado pela capital Florianópolis; por Lages, por ser uma cidade colonizada por sulistas no Planalto Serrano; Blumenau, por ser o centro urbano mais expressivo da colonização alemã; e Chapecó, por ser uma cidade de colonização italiana localizada no Oeste catarinense. O Paraná, por sua vez, é representado pela capital Curitiba; por Londrina, por ser a cidade mais importante da região norte do Estado; Pato Branco, por ser uma das principais cidades da região sudoeste do Estado; e Irati, por ser um núcleo urbano localizado na região de colonização eslava, a área urbana plurilíngüe mais representativa do Estado.

Numa definição inicial dos perfis necessários para a amostragem da população urbana, levaram-se em consideração as seguintes características sociais comprovadamente significativas em pesquisas sociolinguísticas anteriores: sexo (masculino e feminino), idade (20-30, 30-40, 40-50, acima de 50) e escolaridade (primário, ginásial e segundo grau).

Não foram incluídos os analfabetos e pelo fato de constituírem população alvo de estudos dialetais (analfabetos) e da norma urbana regional culta (universitários). Definiu-se que cada município deveria ser representado na amostra por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis (2 sexos x 3 níveis de escolaridade x 2 faixas etárias), cada um representado por dois entrevistados. Com a definição desses perfis, buscou-se localizar informantes nos bairros mais variados, com população permanente considerável. Além de serem selecionados por tais perfis, os falantes tiveram que, necessariamente, preencher os seguintes pré-requisitos:

a) falar apenas português (exigência para os entrevistados nas capitais, mas não nas áreas bilíngües);

- b) ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida;
- c) não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (2 a 12 anos);
- d) não causar estranheza a outros moradores da região;

Para a constituição do banco, criou-se um sistema de transcrição das entrevistas que possibilitasse acesso às múltiplas informações nelas presentes, cujos requisitos básicos eram: (1) definir com precisão a natureza das informações; (2) definir a forma de registro, de tal modo que as equipes envolvidas na transcrição tivessem orientação segura quanto aos procedimentos; e (3) padronizar ao máximo as classificações/procedimentos. O sistema de transcrição criado inspirou-se no adotado pelo *Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro*. Ele é constituído de **três linhas**.

Na **primeira linha**, é registrada a sintaxe real da fala dos informantes com todas as suas hesitações e interrupções, utilizando, entre outros recursos, os princípios ortográficos que regem a escrita do Português. Na **segunda linha**, registram-se os aspectos fonéticos variáveis previsíveis ou inesperados detectados nas entrevistas, e as pausas. Na **terceira linha**, apresentam-se informações sobre a ênfase e a mudança de velocidade na fala e fornece-se uma classificação morfossintática dos itens lexicais.

2.2 Coleta e tratamento dos Dados

A coleta realizou-se com a utilização do programa computacional Interpretador, citado anteriormente, presente no pacote Varsul, cuja função é buscar sequências de letras transcritas em escrita alfabética nos arquivos de texto de cada entrevista. A partir desta busca, foi possível detectar as ocorrências de formação de palavras com os afixos determinados.

Foi feito um controle da estratificação dos informantes, a fim de investigar possíveis fatores determinantes na escolha dos afixos (falantes menos escolarizados x mais escolarizados / mais jovens x mais velhos). Os dados foram buscados de 24 entrevistas da cidade de Porto Alegre (8 de ensino primário, 8 de segundo grau e 8 de ensino superior). Para a escolha dos afixos, nosso ponto de partida foi o trabalho de Sandmann (1989), que realizou uma pesquisa sobre formação de palavras novas em textos escritos do português. A partir do

que o autor encontrou como afixos pertencentes a regras produtivas, selecionamos para nossa análise os afixos que se encontram no quadro a seguir.

(37)

1. <u>Prefixos</u>	a- (negação), des-, ex-, in- (negação), re-, sub-
2. <u>Sufixos</u>	
2.1 <u>formadores de substantivo</u>	
a. a partir de substantivo	-(a)gem, -eiro, -ismo, -ista
b. a partir de adjetivo	-ez(a), -(i)dade
c. a partir de verbo	-(a)gem, -ção, -dor, -mento
2.2 <u>Sufixos formadores de adjetivo</u>	
d. a partir de substantivo	-al/-ar, -vel, -eiro, -ico, -oso
e. a partir de verbo	-vel
2.3 <u>Sufixos formadores de verbo</u>	
f. a partir de substantivo	-ecer, -izar
g. a partir de adjetivo	-ecer, -izar

Optamos por não incluir prefixos dissilábicos em virtude da ambiguidade quanto ao seu status de morfema, pois ora se comportam como prefixos, ora com radicais. Como tal discussão não é o objetivo de nossa análise, esses afixos não foram buscados nas entrevistas. Os prefixos *pré-* e *pós-* também não entraram em nossa análise por já terem sido exaustivamente estudados e discutidos por Schwindt (2005).

Como não há consenso se o grau pertence à derivação ou à flexão, decidimos não incluir sufixos diminutivos, aumentativos e superlativos em nossa análise. Uma vez que, nos dados de Sandmann (1989), os únicos sufixos produtivos formadores de adjetivo a partir de adjetivo pertenciam ao grupo dos formadores de grau, tal tipologia (adjetivo formado a partir de adjetivo) não foi incluída em nossa análise.

O julgamento sobre a transparência das formas se deu através de dois critérios. O primeiro foi a utilização de dicionários eletrônicos (Dicionário Aurélio Século XXI e Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa), aos quais as formações foram submetidas a fim de que pudessemos verificar se eram, de fato, derivações. O segundo foi de

caráter semântico, que possibilitou incluir palavras que, segundo o dicionário, já entraram formadas na língua, mas que ainda possuem transparência do sufixo. Um exemplo deste caso é a formação *maldade*, em que é clara a separação entre a raiz *mal* e o sufixo *-dade*. Para o dicionário, tal vocábulo vem de *malitate* do latim, ou seja, não consta sua estrutura interna como palavra derivada. Mesmo assim, optamos por incluir palavras como essas por acreditar que, uma vez que os falantes não possuem consciência das formações latinas, tais palavras sejam formadas na mente dos falantes de português.

Durante o procedimento de coleta, tomou-se muito cuidado para que todas as possibilidades de combinação de letras dos afixos não fossem esquecidas. Isso inclui, por exemplo, as formações irregulares de plural, como *-çãol/-ções*, *-al/ais* e *-gem/-gens*. Uma vez que o programa Interpretador apenas localiza sequências de letras, era necessário duplicar a busca nos casos em que houvesse diferenças gráficas entre plural e singular. No caso dos prefixos *a-* e *in-*, foi necessário verificar todas as ocorrências das vogais *a* e *i* nas entrevistas, pois o programa não identifica localizações nas palavras (se em início ou em final de palavra). Ainda com o *in-*, buscou-se apenas a vogal para evitar que qualquer alternância morfofonológica do prefixo com a base ficasse de fora (como em *in+legal*, cujo produto é *ilegal*, e não **inlegal*; ou *in+real*, cujo produto é *irreal*, não **inreal*).

Ao final da coleta, buscou-se verificar as palavras “duvidosas” em relação à transparência com colegas do curso de Letras ou falantes de português em geral, sem preocupação com a formação do indivíduo. Contudo, a avaliação geral dos dados se deu, basicamente, por duas pessoas, orientanda e orientador. Buscou-se, nesta etapa, encontrar argumentos para excluir ou incluir os vocábulos previamente coletados com o programa.

Até então, os dados estavam agrupados por sufixo. Em seguida, excluíram-se todos os dados repetidos dentro de cada informante a fim de montar o cruzamento de informação por escolaridade. Após essa etapa, a coleta foi organizada de acordo com os tipos de formação encontrados com os dados não repetidos, desta vez, excluindo-se os dados que se repetiam na coleta geral (substantivo a partir de substantivo, substantivo a partir de verbo, substantivo a partir de adjetivo, e assim por diante). As categorias de produto foram estabelecidas de acordo com o contexto de ocorrência da formação nas entrevistas; as de base, de acordo com gramáticas do português.

A partir dessa organização dos dados, buscou-se responder às perguntas norteadoras do trabalho, mencionadas na introdução:

(i) quais as categorias de base que são preferencialmente selecionadas nos processos de derivação aqui estudados?

(ii) quais as formas derivadas que são mais produtivas?

A partir de tais perguntas, buscou-se verificar as seguintes proposições presentes na literatura em relação à derivação:

(i) a sufixação é mais produtiva do que a prefixação, uma vez que pode mudar a categoria lexical do produto em relação à base;

(ii) dentro da sufixação, o processo de nominalização (que transforma verbos em substantivos) é o mais produtivo.

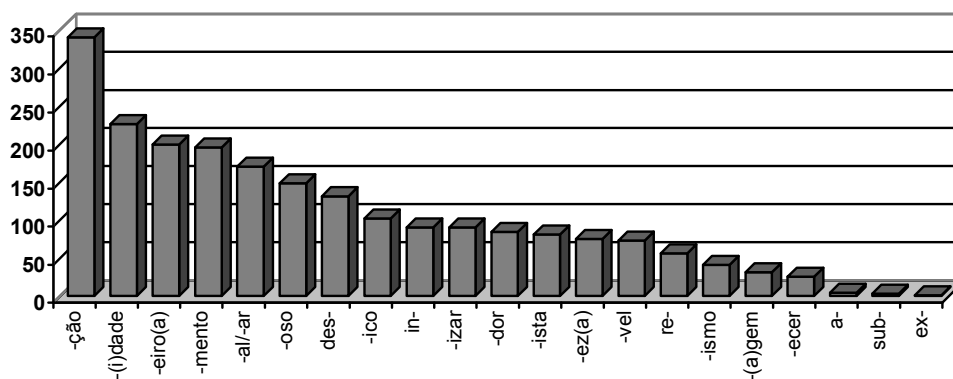
Como objetivo específico, procuramos apresentar uma regra de formação de palavras para cada tipo de formação de palavra encontrado em nossos dados.

3 RESULTADOS E ANÁLISE

3.1 Resultados gerais

Nas 24 entrevistas verificadas, foram encontradas 2.165 ocorrências dos afixos estudados, 285 de prefixos e 1.880 de sufixos. A contagem destes dados baseou-se na utilização de cada afixo; portanto, se uma palavra continha dois dos afixos estudados, era contabilizada duas vezes. Também incluímos palavras derivadas que foram utilizadas mais de uma vez (ou seja, ocorrências conhecidas como “tokens”), a fim de verificar recorrência geral, a qual se encontra no gráfico a seguir.

(1) Recorrência geral dos afixos



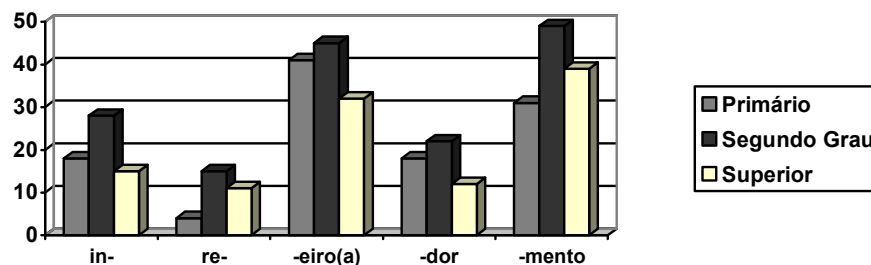
O afixo com maior utilização foi o nominalizador *-ção*, com 314 ocorrências; *-(i)dade*, *-eiro* e *-mento* vieram logo em seguida, com 226, 199 e 195 ocorrências, respectivamente. Os afixos *-al/-ar*, *-oso* e *des-* obtiveram 170, 148, e 131 ocorrências cada. Em patamar semelhante, de 102 a 73 ocorrências estão os afixos *-ico*, *in-*, *-izar*, *-dor*, *ista*, *-ez(a)* e *-vel*. Em um patamar mais baixo estão *re-*, *-ismo*, *-(a)gem* e *-ecer*, com ocorrências

que vão, em ordem decrescente, de 56 a 25. Os afixos que menos ocorreram em nossos dados foram *a-*, *sub-* e *ex-*, com apenas 4, 3 e 1 ocorrências, respectivamente.

Dos seis prefixos estudados, o prefixo *a-* (‘negação’ ou ‘privação’) teve apenas uma ocorrência em um dos informantes de segundo grau e duas ocorrências com informantes de ensino superior. Além de possuir utilização restrita, tal sufixo não foi utilizado por falantes do nível primário. O prefixo *ex-* (‘estado anterior’²⁴), por sua vez, obteve apenas uma ocorrência em um falante de ensino superior. Os demais foram encontrados nas entrevistas dos informantes de todos os níveis de escolaridade levados em consideração.

Os afixos *sub-*, *-ez(a)* e *-vel* obtiveram praticamente empate entre todas as escolaridades. Os afixos no gráfico a seguir mostram uma opção maior pelo segundo grau.

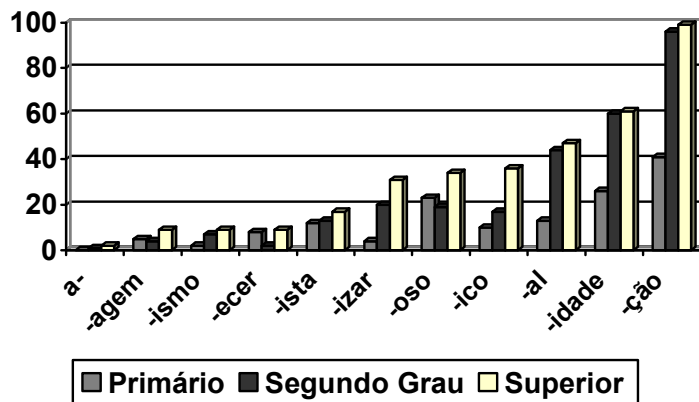
(2) Escolaridade



Os afixos no gráfico a seguir, por sua vez, mostram uma saliente preferência pelo ensino Superior, sendo que os três últimos (*-al*, *-idade* e *-ção*) obtiveram praticamente empate entre o segundo grau e o ensino superior.

²⁴ AZEREDO, J. C de. Fundamentos de Gramática do Português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

(3) Escolaridade

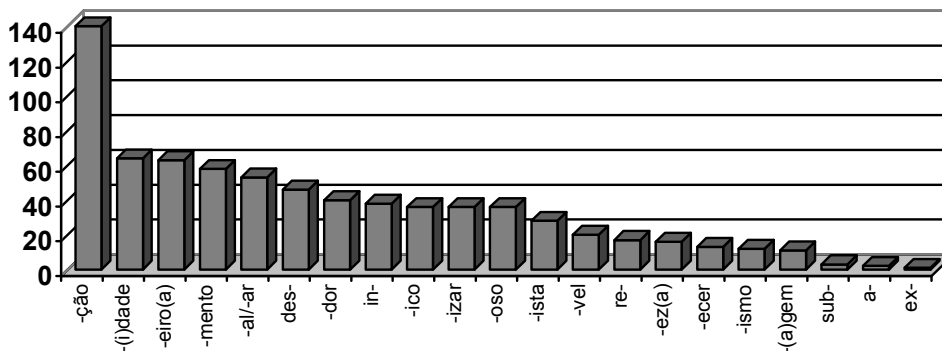


É possível concluir, a partir dos dados apresentados, que há uma utilização crescente de palavras derivadas à medida que a escolaridade aumenta, uma vez que não foi encontrado afixo que fosse mais utilizado no ensino primário, enquanto obtivemos cinco afixos mais utilizados pelo segundo grau e 11 afixos mais utilizados pelo ensino superior. Tal resultado não é surpreendente, pois já foi verificado por Schwindt, Grodt e Quadros (2006), em levantamento de dados de redações do concurso vestibular da UFRGS, que mostrou que, quanto maior era a nota do candidato, maior era o número de palavras morfologicamente complexas utilizadas em seu texto. Podemos traçar um paralelo com os nossos dados considerando-se maior nota como significado de maior escolaridade ou estudo.²⁵

Quanto aos dados não repetidos (ou seja, contabilizados uma única vez, embora pudessem ter aparecido em diferentes entrevistas – conhecidos como “types”), foram encontradas 753 ocorrências, 107 de prefixos e 646 de sufixos. Como é possível verificar no gráfico a seguir, o ordenamento dos primeiros e dos últimos afixos não mudou em relação à recorrência geral dos dados, considerando as repetições. O que se nota, no entanto, é que *-ção* dispara em relação aos outros afixos quanto à formação de palavras, mostrando-se, portanto, o afixo mais produtivo de nossa amostra.

²⁵ No concurso vestibular, tecnicamente, todos os candidatos têm ao menos Ensino Médio. No entanto, sabemos que esta não é regra geral, uma vez que há um grande número de candidatos que já possuem ou que estão frequentando curso superior. Ainda há fatores envolvidos como qualidade do ensino e frequência em curso pré-vestibular, o que aumentaria as chances de o aluno conseguir uma nota melhor na redação do vestibular.

(4) Ocorrências não repedidas de afixos



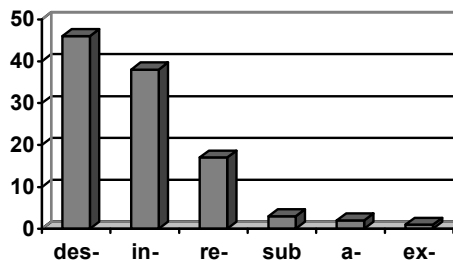
Quanto às formas não dicionarizadas, foram encontradas as formações *incomodação*, *injustificado*, *reconsulta*, *reestrear*, *subquartel*, *magrinhagem*, *bronqueiro*, *pauleira*, *assistencialismo*, *recreacionista*, *skatista*, *criticidade*, *maravilhedade*, *enrolação*, *paparicação*, *problematização*, *problematizador*, *concretamento*, *instrumentalizar* e *relativizar*.

3.2 Resultados por tipo de formação

3.2.1 Formações prefixais

Como é possível verificar no Gráfico 5, obtemos a seguinte frequência para os prefixos.

(5) Frequência geral dos prefixos



O prefixo *des-* selecionou preponderantemente bases verbais. Sendo assim, é possível considerar a seguinte formulação para sua regra $[X]_V \rightarrow [des- [X]_V]_V$ ²⁶. Considerando formações como *desemprego*, é possível assumir que este prefixo também seleciona bases nominais, o que nos leva a propor a regra $[X]_S \rightarrow [des- [X]_S]_S$. Ainda em relação a este sufixo, foram encontradas formações como *descascar*, *desparceirar* e *desviar*. Como não existem as formas **descasca*, **cascar*, **desparceiro*, **parceirar*, **desvia* ou **viar*, não é possível encontrar algum tipo de ordenamento entre prefixação e sufixação, como temos, por exemplo, no caso de *infelicidade*, com as formas *infeliz* e *felicidade*. Portanto, tais dados são considerados resultantes de um processo denominado parassíntese. Neste caso, prefixo e sufixo selecionam uma base nominal e a transformam em um verbo. Como discutido na seção 1.2.3, tais palavras são formadas por dois processos diferentes os quais ocorrem em um mesmo nível do léxico. Assim, considerando o fato de que o prefixo *des-* é mais produtivo em relação a bases verbais, é possível propor que primeiro se forme o verbo e, em seguida, a formação com o prefixo²⁷. As formações *des+casca+ar*, *des+parceiro+ar*, e *des+via+ar* poderiam ser derivadas das seguintes regras: $[X]_N \rightarrow [[X]_N +ar]_V$ e $[[X]_N +ar]_V \rightarrow [des- [X]_V]_V$.

O prefixo *in-* selecionou preponderantemente bases adjetivas, e bases substantivas em menor número. Apresentamos, portanto, a seguinte regra: $[X]_N \rightarrow [in- X]_N$. Segundo, Oliveira (2004), *in-* também pode se anexar a bases verbais. No entanto, esse tipo de formação não foi encontrado em nossos dados.

O prefixo *re-*, assim como, *des-*, selecionou bases verbais; sua RFP, portanto, pode ser considerada a seguinte $[X]_V \rightarrow [re- [X]_V]_V$. Encontramos, porém, a formação *rematrícula*, que, ao nosso entender, não é resultado de derivação regressiva de *rematricular*, uma vez que não segue o padrão acentual das formações regressivas.²⁸ Dessa forma, assumimos que o prefixo *re-* também possa se unir a bases nominais, o que nos faz admitir a regra $[X]_N \rightarrow [re- [X]_N]_N$.

²⁶ Como em português os prefixos não mudam a categoria do produto em relação da base, pretendemos discutir a necessidade de rotulação do colchete externo, uma vez que ele é totalmente previsível a partir do colchete da base.

²⁷ Como visto na seção 1.2.3, Schwindt (2000) também propõe que o sufixo seja anexado à base antes do prefixo.

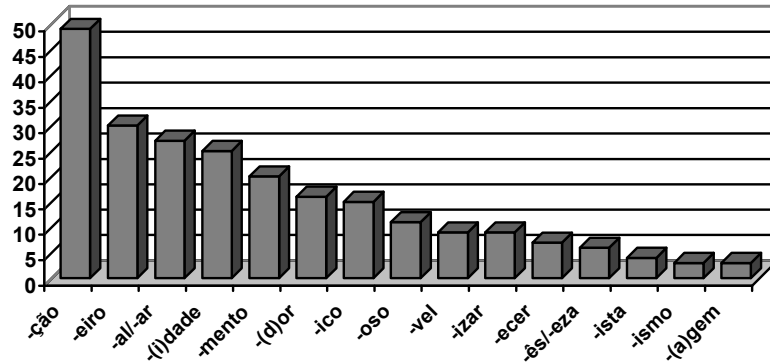
²⁸ Segundo Bechara (2002), na derivação regressiva, o acento retrai-se para a sílaba anterior, como em *atacar/ataque* e *resgatar/resgate*. Não é este, portanto, o caso de *matrícula*.

Quanto a *sub-* e *a-*, esses prefixos selecionaram apenas bases nominais, embora não seja possível fazer qualquer tipo de afirmação em virtude da pouca quantidade de dados. Para ambos, apresentamos as seguintes regras: $[X]_N \rightarrow [\text{sub- } [X]_N]_N$ e $[X]_N \rightarrow [a- [X]_N]_N$.

3.2.2 Formações sufixais

Quanto aos resultados gerais dos sufixos, chegamos à seguinte distribuição:

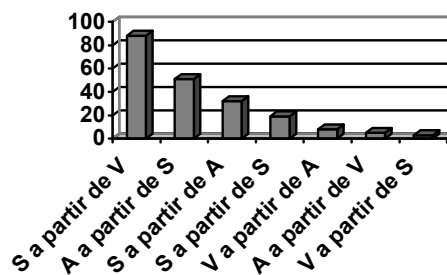
(6) Frequência geral dos sufixos



O gráfico anterior nos mostra que o sufixo mais recorrente em nossos dados foi *-ção*, seguido por *-eiro*, *-al/-ar*, *-(i)dade*, *-mento*, e *-(d)or*. Os menos recorrentes, por sua vez, foram *-ista*, *-ismo*, e *-(a)gem*.

Considerando os resultados gerais por tipo de formação, encontramos a seguinte distribuição.

(7) Tipos de formações

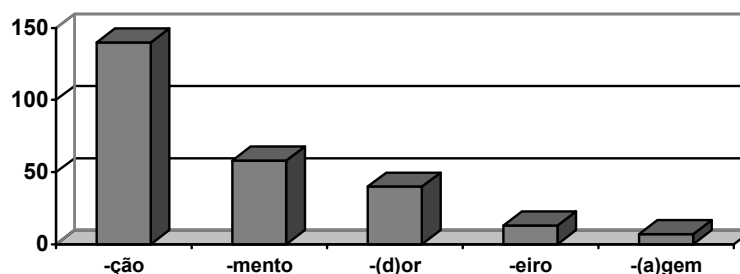


Como é possível verificar no gráfico (7), acima, o tipo de formação de palavras mais produtivo foi a nominalização, que forma substantivo a partir de verbo. Também é possível verificar que, das quatro primeiras colocações, três são ocupadas por formadores de substantivo, o que nos mostra que essa é a categoria de produto mais produtiva em nossos dados. Por outro lado, a base preferencialmente selecionada foi verbal, seguida pela substantiva e pela adjetiva. Lembramos que a classificação morfossintática dos dados se deu em função de sua utilização nas entrevistas. Ou seja, se a formação *brasileiro*, por exemplo, foi utilizada ora como substantivo e ora como adjetivo, será contabilizada duas vezes, entrando na contagem das formações substantivas e das adjetivas.²⁹

3.2.2.1 Substantivo a partir de verbo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de verbo para substantivo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(8) Formadores de substantivo a partir de verbo



-ção, -mento e -(a)gem¹

Como se trata de sufixos concorrentes, podem ser descritos juntos. Formadores de nomes de ação, resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento e lugar, tais sufixos apresentaram formações bastante regulares em nossos dados, como

²⁹ Decidimos adotar esta visão porque não discutimos derivação conversiva – também conhecida como derivação imprópria – neste trabalho.

avaliar > avaliação, agravar > agravamento e montar > montagem. Quanto a *-ção*, foram encontradas alomorfas do tipo truncamento, como em rejeitar > rejeição (*rejeitação), distinguir > distinção (*distinguição) ou superproteger > superproteção (*superproteção), evoluir > evolução (*evolução). Em relação a *-mento*, em todos os casos de bases de segunda conjugação, foi encontrado o elemento de ligação *-i-* entre base e sufixo, como em esclarecer > esclarecimento (*esclarecimento) ou envolver > envolvimento (*envolvimento).

-(d)or

Este sufixo, que indica profissão, instrumento ou lugar apresentou formações regulares do tipo agentivo como apresentar > apresentador, zelar > zelador, e com o significado de instrumento, gravar > gravador, refrigerar > refrigerador. Ainda encontramos formações alomórficas como supervisionar > supervisor (*supervisor) ou cantar > cantor (*cantador).

-eiro(a)¹

O sufixo *-eiro(a)* que seleciona bases verbais foi encontrado em nossos dados em formações que significam profissões (cozinhar > cozinheira) e abundanciar (trancar > tranqueira). Ainda encontramos uma situação em que o elemento de ligação *-d-* é inserido entre base e sufixo, como nos casos brincar > brincadeira, mamar > mamadeira ou namorar > namoradeira.

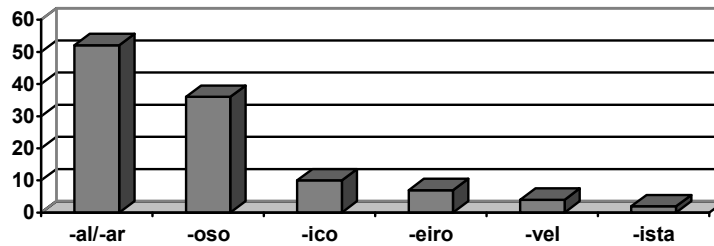
Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_V \rightarrow [[X]_V - Y]_S$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-ção*, *-mento*, *-(a)gem*, *-(d)or* e *-eiro(a)*.

3.2.2.2 Adjetivo a partir de substantivo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de substantivo para adjetivo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(9) Formadores de adjetivo a partir de substantivo



-al/-ar¹

Este sufixo possui o sentido de ‘relação a’ ou ‘pertinência’. A distribuição entre as variantes *-al* e *-ar* se dá a partir da base. Se a base possui uma consoante líquida, como “hospital”, a variante empregada será *-ar* (hospital > hospitalar, e não *hospitalal). Nos demais casos, a variante usada é sempre *-al*. Em nossos dados também encontramos uma variação em relação à base. Bases terminadas em *-ção* sofrem alteração quando da adição do sufixo, como pode ser visto nos exemplos “região” > “regional” e “emoção” > “emocional”. Em algumas bases terminadas em *-o*, temos a substituição do *-o* por *-u*, como em “espírito” > “espiritual” e “evento” > “eventual”.

-oso

Com o significado de ‘provido ou cheio de’, tal sufixo apresentou comportamento parecido ao sufixo *-al/-ar*. Houve casos de variância como “atenção” > “atencioso”, “estudo” > “estudioso” (e não “*estudioso”) e “habilidade” > “habilidoso” (e não “*habilidoso”).

-ico¹

Com o significado de ‘participação’ ou ‘referência’, este sufixo foi o mais relacionado a formações com base presa, discutidas a seguir. Quando se tratava de base livre, sua formação foi bastante regular, como em “higiene” > “higiênico” e “mito” > “mítico”.

-eiro(a)²

Com este sufixo estão formações que se referem a atributos, típicas de adjetivos, como “arte” > “arteiro”, “bagunça” > “bagunceiro” e “festa” > “festeiro”.

-vel¹

Este sufixo significa “possibilidade de praticar ou sofrer uma ação”. Apareceu em formações como “saúde” > “saudável”, “miséria” > “miserável”.

-ista¹

Obtivemos dois dados com *-ista* neste tipo de formação. Um com sentido de “partidário ou sectário de doutrina ou sistema”, “bairro” > “bairrista”; e outro como gentílico, “Paulo” (de São Paulo) > “paulista”.

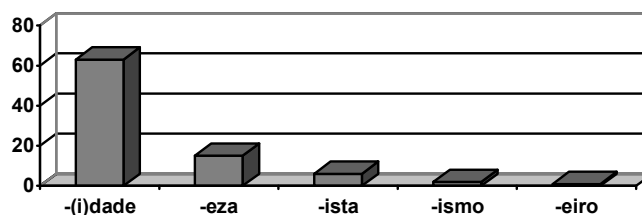
Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_S \rightarrow [[X]_S - Y]_A$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-al/-ar*, *-oso*, *-ico(a)*, *-eiro*, *-vel* e *-ista*.

3.2.2.3 Substantivo a partir de adjetivo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de adjetivo para substantivo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(10) Formadores de substantivo a partir de adjetivo



-(i)dade e -ez(a)

Estes sufixos formam nomes abstratos que indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser. Em nossos dados, em relação ao sufixo *-(i)dade*, encontramos casos como *agressivo > agressividade* e *moço > mocidade*. Encontramos também alomorfas da base do tipo *infiel > infidelidade* e do tipo *disponível > disponibilidade*, em que, no momento da afixação de *-(i)dade*, o alomorfe de *-vel* é *-bil*. Com *-ez(a)*, encontramos ocorrências como *gentil > gentileza*. A única forma que parece se afastar deste significado é *correnteza*, que, em relação às águas, não possui significado abstrato.

-ista²

Este sufixo, além de formar substantivo, como vimos anteriormente, também pode formar adjetivos. Em algumas ocasiões, inclusive, a decisão sobre a categoria morfossintática de seu produto não é muito óbvia, como acontece com os nomes que indicam naturalidade e profissões, que podem ser empregados ora como adjetivo e ora como substantivo. Em nossa coleta, além dessas acepções, também encontramos o significado que indica adesão a alguma doutrina ou sistema, como *espiritual > espiritualista*.

-ismo¹

Com o mesmo significado descrito anteriormente, *-ismo* com base adjetiva é representado em nossos dados pelas formações *assistencial > assistencialismo* e *formal > formalismo*.

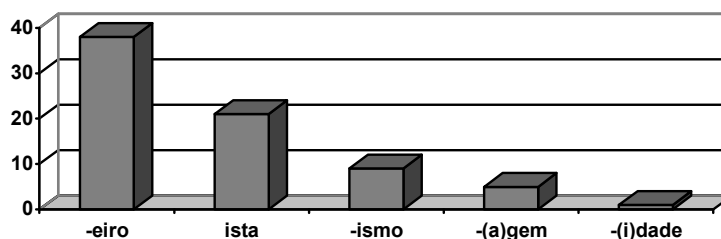
Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_A \rightarrow [[X]_A - Y]_S$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-(i)dade*, *-ez(a)*, *-ista*, e *-ismo*.

3.2.2.4 Substantivo a partir de substantivo

Este tipo de formação, caracterizado por não alterar a categoria lexical do produto em relação à base, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(11) Formadores de substantivo a partir de substantivo



Uma vez que adotamos a visão de Jackendoff (1975), de que as regras lexicais são plenamente especificadas, sugerimos que afixos que selecionem base de categoria distinta ou que resultem em um produto de categoria diferente sejam considerados homófonos. Ou seja, para nossa análise, tratam-se de afixos diferentes, cada um com sua entrada lexical totalmente especificada.

-eiro(a)³

Segundo a gramática de Cunha e Cintra (2001), *-eiro(a)* indica nomes de profissão, lugar onde se guarda algo, árvore ou arbusto, ideia de intensidade, objeto de uso e noção coletiva ou abundância. Bechara (1999) ainda traz a naturalidade como possível formação substantiva de *-eiro*. Em nossa coleta, foram encontradas as acepções profissão (açougue > açougueiro) – a qual possui o maior número de ocorrências, lugar onde se guarda algo (cinza > cinzeiro), abundância (buraco > buraqueira), lugar onde se guarda algo (leite > leiteira) e naturalidade (Brasil > brasileiro).

-ista³

Nossos dados apresentam este afixo com as seguintes acepções: agente (dente > dentista), maneira de pensar ou seita (obscurantismo > obscurantista), e ainda naturalidade (São Paulo > paulista). Nas bases terminadas em *-ão*, encontramos alomorfa do radical, como em *balcão* > *balconista* e *recreação* > *recreacionista*.

-ismo²

Segundo Bechara (1999), *-ismo* tem a mesma acepção de *-ista*, ou seja, indica maneira de pensar, doutrina ou seita. Em nossos dados, encontramos exemplos como *espírito* > *espiritismo* e *símbolo* > *simbolismo*. Na ocorrência *banditismo*, podemos notar uma alteração na base (pois o produto não é *bandidismo), em que o *d* perde vozeamento provavelmente para evitar que a formação contenha uma sequência de sílabas iguais.

-(a)gem²

Foram encontradas as acepções de ato ou estado para tal afixo, como pode ser visto nos exemplos *moleque* > *molecagem*, *quilômetro* > *quilometragem*. O neologismo *magrinhagem* provavelmente tem como base a forma *magrinho*, utilizada antigamente com uma acepção parecida a que temos hoje em *magrão*, na linguagem falada (contexto: [Estava]-estava andando com a moto e na Vinte e Quatro³⁰ ali tem muita tranqueira. Sexta-feira aquela <magrinhagem> toda.).

-(i)dade

Este sufixo tem como característica formar nomes a partir de adjetivos. No entanto, nos dados de um falante de segundo grau encontramos a formação *maravilhade*, provavelmente oriunda do substantivo *maravilha*. Este caso curioso parece nos mostrar que o falante buscou fazer alguma diferenciação da palavra *maravilha*, ao falar sobre sua estadia no Exército (contexto: “Fazendo [aquelas]- aquelas <maravilhades> ali, fora de série, né? e passando frio, né? situações assim-”).

³⁰ O informante estava se referindo à Rua Vinte e Quatro de Outubro, em Porto Alegre.

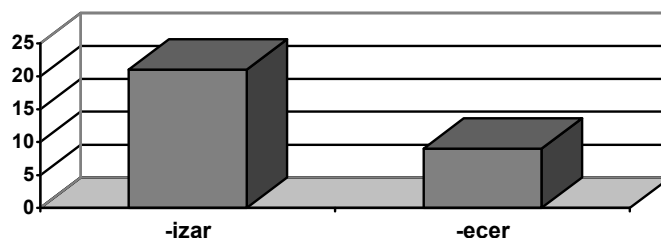
Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_S \rightarrow [[X]_S - Y]_S$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-eiro*, *-ista*, *-ismo*, *-(a)gem* e *-(i)dade*.

3.2.2.5 Verbo a partir de adjetivo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de adjetivo para verbo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(12) Formadores de verbo a partir de adjetivo



-izar¹

Este sufixo formador de verbos mostrou que é responsável por algum tipo de irregularidade em relação à base a que se adiciona. Como formações regulares, foram encontradas formas como “global” > “globalizar” e “central” > “centralizar”. Como é possível notar, tais formações tomam como base palavras que já sofreram derivação anteriormente, “globo” e “central”. Também foram encontradas formas cuja base já tivera sido formada a partir da adição do sufixo formador de adjetivo *-ico* (com supressão do afixo), como “problemático” > “problematizar” e “sintético” > “sintetizar”. Neste caso, achamos preferível adotar esse raciocínio, em vez de assumir que sejam bases presas (as mesmas utilizadas na formação dos adjetivos em *-ico*), porque o produto das formações em *-izar* carrega o significado de *-ico*, ou seja, “sintetizar” é ‘tornar algo sintético’, e assim por diante. Também foi encontrada em nossos dados a formação irregular “privado” > “privatizar”.

-ecer¹

Assim como seu par formador de verbo a partir de substantivo, este sufixo foi encontrado majoritariamente em derivações parassintéticas, juntamente com os prefixos *a-*, *en-*, *ex-* e *re-*. Apareceu somente uma formação não parassintética, “escuro” > “escurecer”.

Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_A \rightarrow [[X]_A - Y]_V$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-izar* e *-ecer*.

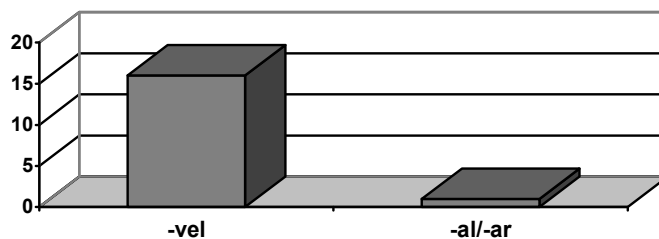
$[X]_S \rightarrow [[X]_S - Y]_V$ e $[X]_S \rightarrow [Z - [X]_S]_V$, em que Y deve ser substituído por *-ecer*, e Z, pelo prefixo utilizado para a formação que chamamos de derivação parassintética. Como foi assumido anteriormente, trata-se de duas regras diferentes que se aplicam em um mesmo nível do léxico. Assim, não é necessário propor uma terceira regra para os casos em que há somente sufixação, como em “escuro” > “escurecer”.

Como já verificado no processo de formação de verbos a partir de substantivos, somente *-ecer* participou de formações por derivação parassintética.

3.2.2.6 Adjetivo a partir de verbo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de verbo para adjetivo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(13) Formadores de adjetivo a partir de verbo



-vel²

Este sufixo significa “possibilidade de praticar ou sofrer uma ação”. Sua aplicação é restrita porque só pode ser adicionado a verbos transitivos. Em nossos dados, apareceram formações como “agradar” > “agradável” e “preferir” > “preferível”.

-al/-ar²

Também com o sentido de ‘relação a’ ou ‘pertinência’, assim como seu par formador de adjetivo a partir de nome, encontramos em nossa coleta a formação “prejudicar” > “prejudicial” com este sufixo

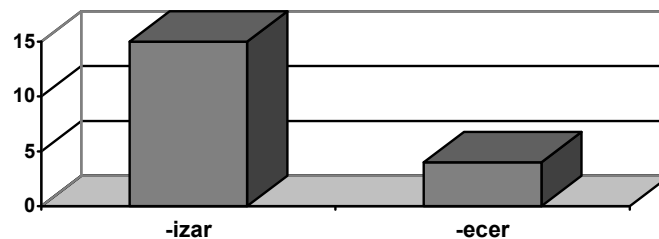
Para este tipo de formação, propomos a seguinte RFP:

$[X]_V \rightarrow [[X]_V - Y]_A$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-al/-ar* e *-vel*.

3.2.2.7 Verbo a partir de substantivo

Este tipo de formação, caracterizado por alterar a categoria lexical do produto em relação à base, de substantivo para verbo, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(14) Formadores de verbo a partir de substantivo



-izar²

Este sufixo mostrou-se mais regular do que seu par formador de verbo a partir de substantivo, como é possível verificar em formações como “alfabeto” > “alfabetizar” e “canal” > “canalizar”. Encontramos irregularidade apenas na formação “consciência” > “conscientizar” (e não “*consciencizar”).

-ecer²

Este sufixo formador de verbos foi encontrado majoritariamente em derivações parassintéticas, juntamente com os prefixos *a-* e *en-*. Apareceu somente em uma formação não parassintética, “fortal(eza)” > “fortalecer”.

Para este tipo de formação, propomos as seguintes RFPs:

$[X]_s \rightarrow [[X]_s - Y]_v$, em que Y deve ser substituído pelos sufixos *-izar*.

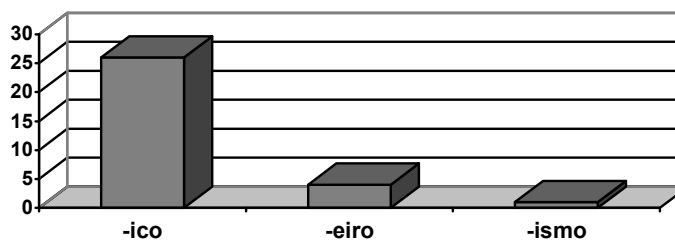
$[X]_s \rightarrow [[X]_s - Y]_v$ e $[X]_v \rightarrow [Z- [X]_v]_v$, em que Y deve ser substituído por *-ecer*, e Z, pelo prefixo utilizado para a formação que chamamos de derivação parassintética. Como foi assumido anteriormente, trata-se de duas regras diferentes que se aplicam em um mesmo nível do léxico. Assim, não é necessário propor uma terceira regra para os casos em que há somente sufixação, como em “fortal(eza)” > “fortalecer”.

Como se pode notar, somente *-ecer* participou de formações por derivação parassintética.

3.2.2.8 Formações a partir de base presa

Este tipo de formação, caracterizado por não haver marcação de categoria morfossintática na base, encontrou a seguinte distribuição em nossos dados.

(15) Formações a partir de base presa



-ico²

Enquanto o *-ico*¹ formador de adjetivos a partir de substantivo mostrou apenas 10 formações em nossos dados, *-ico*² formador de adjetivos a partir de base presa apresentou 26 formações, como “biolog-” > “biológico” e “cronol-” > cronológico.

-eiro(a)⁴

Este sufixo formou substantivos como “engen”- > “engenheiro”, “carpint”- > “carpinteiro”, e um o adjetivo “hospital”-³¹ > “hospitaleiro”.

-ismo³

Este sufixo apresentou apenas a formação “dinam”- > “dinamismo”.

Para este tipo de formação, propomos as seguintes RFPs:

$[X-] \rightarrow [[X-] -Y]_S$, em que X- representa a base presa sem rotulação morfossintática e Y deve ser substituído pelos sufixos *-ismo* e *-eiro(a)*.

$[X-] \rightarrow [[X-] -Y]_A$, em que X- representa a base presa sem rotulação morfossintática e Y deve ser substituído pelos sufixos *-ico* e *-eiro(a)*.

³¹ Esta seria a mesma base que “hospitalidade”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fechamos este trabalho apontando os resultados obtidos durante a pesquisa.

Quanto à produtividade dos afixos, *des-* e *in-*, foram os prefixos mais recorrentes, enquanto *-ção* foi o sufixo que mostrou maior ocorrência em nossos dados, com uma quantidade significativa de dados em relação aos outros sufixos.

Em relação às questões norteadoras deste trabalho, verificamos que:

- A categoria de base preferencialmente selecionada foi a verbal, seguida pela substantiva e, por fim, pela adjetiva.

- A categoria de produto mais produtiva foi a substantiva, seguida pela adjetiva e, por fim, pela verbal.

- Embora nosso trabalho trate substancialmente mais de sufixos do que de prefixos, é possível notar, dentro de cada categoria, que o uso de cada sufixo é muito maior do que o uso de cada prefixo em nossos.

- A nominalização (processo que transforma verbos em substantivos) mostrou-se, de fato, o mais produtivo em nossa análise.

Por fim, seguem as RFPs apresentadas para darem conta das formações presentes no corpus analisado.

Prefixos	$[X]_N \rightarrow [Y- [X]_N]_N$ e $[X]_V \rightarrow [Y- [X]_V]_V$
Sufixos S \rightarrow S	$[X]_S \rightarrow [[X]_S -Y]_S$
Sufixos A \rightarrow S	$[X]_A \rightarrow [[X]_A -Y]_S$
Sufixos V \rightarrow S	$[X]_V \rightarrow [[X]_V -Y]_S$
Sufixos S \rightarrow A	$[X]_S \rightarrow [[X]_S -Y]_A$
Sufixos V \rightarrow A	$[X]_V \rightarrow [[X]_V -Y]_A$
Sufixos S \rightarrow V	$[X]_S \rightarrow [[X]_S -Y]_V$ e $[X]_V \rightarrow [Z- [X]_V]_V$
Sufixos A \rightarrow V	$[X]_A \rightarrow [[X]_A -Y]_V$ e $[X]_V \rightarrow [Z- [X]_V]_V$
Base presa \rightarrow A	$[X-] \rightarrow [[X-] -Y]_S$ e $[X-] \rightarrow [[X-] -Y]_A$

Uma questão remanescente, levantada durante o processo de análise, diz respeito ao “dicionário de papel” da língua. Seria interessante, em um momento posterior, cruzar as ocorrências dos dados encontrados nesta pesquisa com as ocorrências de palavras afixadas no dicionário para verificar se o uso dos falantes condiz com o inventário institucionalizado da língua.

Nossa análise descritiva poderá ser enriquecida através de uma maior exploração da Fonologia e Morfologia Lexical, a fim de verificar os afixos estudados em função dos níveis do léxico aos quais pertencem. Assim, da maneira que Schwindt (2000) fez com os prefixos, poderíamos encontrar respostas para alomorfias encontradas ao longo da análise. Por ora, contudo, nos restringimos ao objetivo descritivo, e refletiremos sobre questões explicativas como tarefa futura.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, J. M. *A-morphous morphology*. Cambridge University Press, 1992.

ANDRADE, F. G. C. de. *Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo re- no português contemporâneo*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1996.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.

AZEREDO, J. C de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BASILIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teoria Lexical*. Rio de Janeiro: Ática, 1987.

_____. Produtividade e função do processo de formação de palavras no Português falado. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 9, 1990. Campinas, 1990. p. 1-9.

_____. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. D.E.L.T.A. [online], São Paulo, v. 14, n. spe, 1998, pp. 17-28.

_____. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 15, n. spe, 1999, pp. 53-70 . .

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 15 ed. S. Paulo: Vozes, 1991.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham: Ginn and Co. 1970.

GONÇALVES, C. A. Formações X-eiro no português do Brasil: um estudo sobre produtividade lexical. *Expressão*, Teresina, 1996, 6 (1): 7-21.

HALLE, M. Prolegomena to a Theory of Word-Formation. *Linguistic Inquiry*, 4, 1973, pp. 3-16.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the Lexicon. In: *Language* 51. 1975.

KAISSE, E. M. & SHAW, P. A. On the theory of lexical phonology. *Phonology Yearbook* 2. p. 1-30, 1985.

KATAMBA, F. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.

KEHDI, V. *Formação de Palavras em Português*. São Paulo: Ática, 1992.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: S. Yang (ed.) *Linguistic in the morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co. p. 3-91, 1982.

_____. Some consequences of lexical phonology. *Phonology yearbook* 2. London: Cambridge University Press, p. 85-138, 1985.

MARONEZE, B. O. Um estudo da nominalização no Português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORENO, C.. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

OLIVEIRA, S. M. *Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2004.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1989.

_____. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SCALISE, S. *Generative Morphology*. Dodrecht: Foris, 1984.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *DELTA*. v. 17, n. 2. São Paulo: EDUC PUC, 2001.

_____. Produtividade, transparência e estatuto prosódico de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro e espanhol peninsular. *Organon*. v. 18, n. 36. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos lingüísticos. In: *Léxico e Morfofonologia: perspectivas e análises – LINGUÍSTICA IN FOCUS vol. 4*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SCHWINDT, L. C., GRODT, A. QUADROS, M.S. Sobre a produtividade morfológica em textos de vestibular. In: *A redação no contexto do vestibular 2006 - níveis de avaliação de textos*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 227-241.

SIEGEL, D. *Topics in English Morphology*. PhD diss. MIT, Cambridge, Mass. 1974.

SPENCER, A. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 1991.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Koch e Tháís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese de doutorado. Lisboa: 1994.

ANEXOS

Lista de ocorrências

Segue, de acordo com o tipo de formação, a relação de formações que compuseram o corpus deste trabalho.

Formações Prefixais

a-

anormal
assimétrico

des-

desacreditado
desagradável
desanimado
desaparecer
desapropriado
desarranchado
descansar
descarregar
descentralização
desconfiar
desconhecido
descrente
deseducar
desembarcar
desempregado
desencarnar
desentender
desestimular
desestruturar
desfavorável
desfazer
desgastar

desiludir
desimpedido
desinibir
desinteressar
desligar
deslocar
desmascarar
desmontar
desmotivado
desocupar
desorganizado
desprender
despreocupado
desprovido
desregrado
desvincular
desrespeito
desnutrição
desemprego
desgraça
desilusão
descascar
desparceirar
desviar

in-

ilícito
imortalidade

impossível
imprevisto
inaceitável
inacreditável
inanimado
inativo
incoerente
incomodação
incompatibilidade
incompleto
incomum
inconsequente
incorreto
independente
indevidamente
indiscutível
inevitável
inexplicável
infeliz
injustificado
injusto
imperfeito
inseguro
insuportável
intocável
intransponível
impaciência
imprudência
incompetência
independência
indigestão
indisposição

infidelidade
injustiça
insegurança
injustiçado

re-

reabrir
reajuste
reconsulta
reeleger
reencarnar
reencontrar
reestrear
reingresso
relembrar
reorganizar
replantar
repor
restabelecer
retomar
retornar
revender
rematrícula

sub-

suboficial
subquartel
subsolo

Substantivo a partir de verbo

-(a)gem

passagem
serragem
montagem
colagem
maquiagem
maquilagem

-eiro(a)

bebedeira
brincadeira
choradeira
geladeira
lavadeira
mamadeira
namoradeira
voadeira
herdeiro
costureira
cozinheira
garimpeiro
tranqueira

-ção

acentuação
adaptação
administração
agitação
alfabetização
alimentação
alteração
anotação
aplicação
apresentação
aproximação
argumentação
arrumação
associação
atribuição
atualização
autorização
avaliação
colaboração
colonização

compensação
competição
complementação
complicação
comunicação
concretização
confraternização
conotação
conscientização
constituição
continuação
contribuição
criação
crucificação
declaração
depredação
descentralização
desnutrição
destruição
dilatação
dissertação
dissociação
distribuição
divulgação
doação
documentação
dominação
embarcação
encarnação
enrolação
entubação
escavação
especialização
especulação
estagnação
estimulação
evangelização
explicação
falação
fascinação
formação
frustração
gozação
gravação
habitação
iluminação
imaginação

imigração
implantação
inauguração
incomodação
indicação
informação
instalação
integração
interligação
interpretação
interrogação
intimação
introdução
inundação
justificação
libertação
ligação
localização
manifestação
marcação
medição
meditação
miscigenação
modificação
navegação
negação
negociação
nomeação
obrigação
operação
oração
organização
orientação
ostentação
paparicação
participação
plantação
poluição
preocupação
preparação
prestação
privatização
problematização
programação
punição
qualificação
realização
reclamação
recomendação
recordação

recreação
recuperação
reencarnação
remuneração
repetição
representação
revelação
salvação
tapeaçãozinha
transformação
votação
construção
contenção
distinção
diversão
evolução
invenção
prevenção
produção
projeição
proteção
superproteção
tradução

-(d)or

administrador
apresentador
assustador
cantor
comprador
consagrador
conservador
consolador
consumidor
contador
coordenador
demonstrador
encanador
entregador
esmagador
estofador
evangelizador
exportador
frequentador
fundador
jogador
libertador
morador
pecador

pescador
pesquisador
problematizador
protetor
revendedor
seguidor
servidor
supervisor
trabalhador
treinador
zelador
gravador
liquidificador
microprocessador
refrigerador
registrador

-mento

acampamento
agravamento
agrupamento
ajuntamento
alojamento
andamento
aproveitamento
atropelamento
calçamento
casamento
concretamento
congelamento
descobrimento
desvirtuamento
divertimento
embasamento
encanamento
encerramento
engarrafamento
ensinamento

escoamento
estacionamento
funcionamento
investimento
lançamento
orçamento
pagamento
pensamento
planejamento
policciamento
posicionamento
questionamento
racionamento
relacionamento
ressentimento
salvamento
sentimento
tratamento
treinamento
vazamento
arrependimento
atendimento
comprometimento
conhecimento
constrangimento
crescimento
desconhecimento
desenvolvimento
enriquecimento
entretenimento
envolvimento
esclarecimento
fortalecimento
movimento
procedimento
recebimento
reconhecimento
sofrimento

Adjetivo a partir de substantivo

-eiro(a)

arteiro
bagaceiro
festeiro
financeiro
passageira
brasileiro
verdadeiro

-al / -ar

assistencialismo
autoral
central
circular
colegial
comercial
corporal
criminalidade
cultural
escolar
existencial
familiar
genial
global
hospitalar
individual
industrial
instrumentalizar
material
medicinal
mentalmente
mortal
municipal
musical
ocidental
policial
residencial
teatral
verbal
artesanal
educacional
emocional
funcional
manual
mensalidade

ocasionalmente
opcional
populacional
profissional
proporcionalmente
pulmonar
racional
regional
tradicional
estadual
espiritual
eventualmente
homossexual
intelectual
sexual
mundial
sindicalista

-vel

saudável
flexível
miserável
horrível

-ico

artístico
básico
científico
higiênico
histórico
mediúnico
mítico
típico
turístico
simbólico

-ista

bairrista
paulista

-oso

amoroso
ansioso
carinhoso
charmoso
cuidadoso
duvidoso
espantoso
famoso
gostoso
horroroso
mafioso
maravilhoso
mentiroso
nervoso
pastoso
penoso
perigoso
poderoso

preguiçoso
proveitoso
rancoroso
raçoso
religioso
rigoroso
silencioso
trabalhoso
vergonhoso
vicioso
atencioso
bondoso
estudioso
gracioso
habilidoso
luxuoso
monstruoso
preconceituoso

Substantivo a partir de adjetivo

-eiro(a)

sujeira

-ez(a)

baixeza
beleza
certeza
franqueza
fraqueza
frieza
gentileza
grandeza
limpeza
moleza
pobreza
rapidez
riqueza
tristeza
redondeza
correnteza

-(i)dade

agressividade
anormalidade
atrocidade
barbaridade
capacidade
casualidade
claridade
coletividade
competitividade
continuidade
credibilidade
criminalidade
criticidade
curiosidade
dificuldade
disponibilidade
diversidade
especialidade
espiritualidade
estabilidade
facilidade
felicidade

finalidade
fraternidade
honestidade
humanidade
imortalidade
incompatibilidade
individualidade
infidelidade
ingenuidade
instabilidade
intimidade
liberalidade
liberdade
maldade
marginalidade
maternidade
mensalidade
mentalidade
mocidade
mortalidade
natalidade
naturalidade
normalidade
novidade
oportunidade
particularidade
perversidade
possibilidade
produtividade
proximidade
publicidade
realidade
responsabilidade
sensibilidade
simplicidade
solidariedade
totalidade
tranquilidade
utilidade
variedade
velocidade

-ista

especialista
espiritualista
existencialista

realista
sindicalista

-ismo
assistencialismo
formalismo

Substantivo a partir de substantivo

-(a)gem

molecagem
linguagem
quilometragem
sacanagem
magrinhagem

-eiro(a)

açougueiro
arrozeiros
batuqueiro
bronqueiro
cambalacheiro
caminhoneiro
carroceiro
cavaleiro
companheiro
conselheiro
faxineira
lixeiro
maconheiro
maloqueiro
marinheiro
motoqueiro
patrulheiro
pedreiro
peixeiro
porteiro
tesoureiro
enfermeiro
banheira
braseiro
churrasqueira
financeira
leiteira
pedreira
barulheira
buraqueira
pauleira
fogueira
formigueiro
letreiro
pedaleira
sinaleira

terreiro
brasileiro

-ismo

banditismo
coleguismo
espiritismo
modismo
patriotismo
simbolismo
pedantismo
vandalismo
jornalismo

-ista

anestesista
artista
ascensorista
balconista
cardiologista
dentista
detalhista
getulista
gremista
jornalista
machista
obscurantista
orçamentista
paulista
pessimista
populista
progressista
recreacionista
seminarista
skatista
trabalhista
umbandista

-(i)dade

maravilhedade

Verbo a partir de adjetivo

-ecer

apodrecer
emagrecer
enfraquecer
enlouquecer
enriquecer
envelhece
esclarecer
escurecer
rejuvenescer

-izar

atualizar
centralizar
concretizar
mobilizar

especialização
confraternização
globalizar
imunizar
intelectualizar
instrumentalizar
relativizar
oficializar
penalizar
popularizar
profissionalizar
privatizar
sintetizar
ênfatizar
problematização
traumatizar
democratizar

Adjetivo a partir de verbo

-vel

agradável
desagradável
impraticável
inaceitável
inacreditável
indiscutível
inevitável
inexplicável
insuportável
intocável

lamentavelmente
preferível
previsível
sensível
suportável
variável

-al

prejudicial

Verbo a partir de substantivo

-ecer

anoitecer
enfurecer
entardecer
fortalecer

-izar

alfabetização
antipatizar
arborizar

canalizar
civilizar
colonização
conscientizar
profetizar
evangelizar
martirizar
fiscalizar
idealizar
localizar
sintonizar
uniformizar

Formações a partir de base presa

Substantivo

-ismo

dinamismo

-eiro

engenheiro
empreiteiro
carpinteiro

Adjetivo

-eiro(a)

super-hospitaleiro

-ico

acadêmico
alegórico
antipático
apático
assimétrico
automático
benéfico
biológico
burocrático
cronológico
democrático
diabólica
ecológico
econômico
filantrópico
filosófico
geométrico
odontológico
pornográfico
psicológico
siderúrgico
simpático
sociológico
tecnológico
teórico
utópico